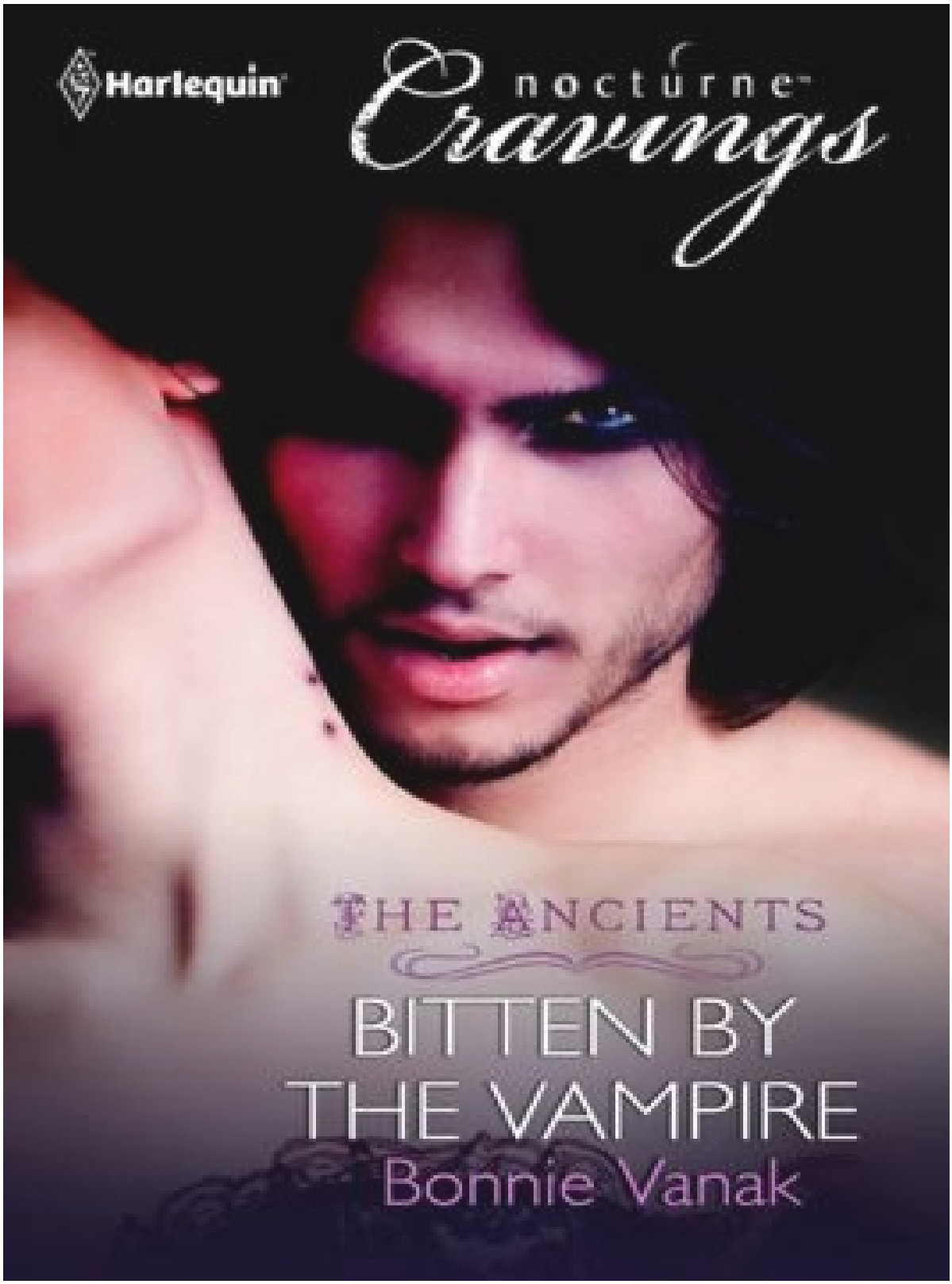
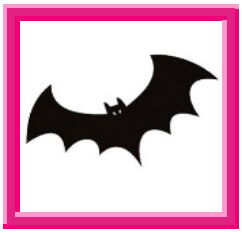

Harlequin
nocturne
Cravings
THE ANCIENTS
BITTEN BY THE VAMPIRE
Bonnie Vanak

MORDIDA PELO VAMPIRO

BITTEN BY THE VAMPIRE

Série
THE ANCIENTS

LIVRO UM



BONNIE VANAK

Envio: Soryu
Tradução: Chayra Moom
Revisão Inicial e Formatação: Chayra Moom
Revisão Final: Gisinha
Leitura Final: Mary

Informação da Série

01 — Mordida pelo Vampiro — Distribuído
02 — Acasalada com o Lobo — Leitura Final
03 — Caçada pelo Jaguar— Leitura Final
04 — Seduced by the Wolf — Tradução
05 — Incubus Wolf — Tradução

Resumo

— Abra-se à paixão e eu vou mostrar-lhe o incrível prazer de uma noite que nunca acabará. Você vai ser minha. Nunca vou deixar ninguém machucá-la, mas só se você se render a mim.

O Vampiro Lucien Marcello sabe que seu destino é reivindicar Mara Fuller como sua. Ela é uma Darklighter, meio-demônio, meio-anjo, e jurou destruir o homem que quase a matou. Se ela for bem sucedida, seu lado demônio irá assumir e ela vai se transformar no mal. A única maneira de salvá-la, será através do seu acasalamento com Lucien. Só assim, ele poderá absorver seus poderes escuros. Mas, embora tentada por uma visão erótica compartilhada com ele, Mara resiste aos seus encantos.

Lucien usará todos os seus poderes de sedução para fazer com que ela se renda ao seu domínio e desejo, porque, se ele falhar, a vida dela estará perdida...

Capítulo 1

Uma lambida de fogo acariciava suas costas nuas, fazendo-a tremer com antecipação.

Sombras dançavam ao redor das chamas douradas criadas por dezenas de velas perfumadas no quarto. Na cabeceira acetinada da cama, as luzes das velas iluminavam duas taças de champanhe cheias com um velho vinho francês. Era o cenário para uma sedução muito deliberada.

Lençóis de cetim vermelho farfalharam quando ela moveu seu peso. Seu sedutor passava seus dedos longos e finos por suas costas. Mara Fuller ficou imóvel e nua, com um braço atirado por cima da cabeça. A postura puxou os seus seios para cima.

O vampiro percebeu. Sua bonita boca com lábios cheios inclinou-se para cima.

—Tão bonita. Eu quero prová-los. — Ele sussurrou.

Um olhar intenso e escuro como a noite acariciou seu corpo nu, fazendo com que sua carne se apertasse.

Ele era poderoso e estava acostumado a comandar. Tal como tudo ao redor, ele encarnava elegância e requinte. Seus cabelos pretos encaracolados caiam, passando seus ombros largos. Suas feições eram clássicas, o queixo brutalmente masculino, em contraste com a plenitude de seus lábios. Seus olhos estavam gelados como os flocos de neve que se agarram às janelas.

A força nessas mãos elegantes poderia quebrar um pescoço como se fosse um galho seco, ou lentamente atacar entre as pernas de uma mulher, fazendo-a mendigar e implorar.

—Una-se a mim, Mara. Perca a sua alma na minha. Perca a escuridão, ou perderá a vida.

Ela endureceu contra o olhar solene em seus olhos hipnotizantes. Os seus olhos tinham o poder de fazê-la obedecer, para que ela se tornasse uma marionete inconsciente, perdendo todo o controle. Mara era uma Darklighter, meio demônio, meio anjo. Ela nunca chamaria um homem, ou vampiro, de mestre.

—Nunca!... — Ela sussurrou.

Ele lambeu sua orelha e, em seguida, a mão dele fechou em seu cabelo, derrubando sua cabeça para trás, ele devastou sua boca. Ela sentiu um leve beliscão da presa, uma mordida deliciosa de prazer, quando a língua dele se enroscou com a dela. Fogo dançava em seus nervos quando colocou os braços em torno dele. Seu pé deslizou até o comprimento do seu membro, seus dedos acariciavam os cabelos escuros de seda sobre sua musculosa panturrilha.

Capturada em seus braços, ele nunca iria libertá-la. Ela era sua para reivindicar na carne. Seus seios estavam inundados com excitação, seus mamilos implorando para serem tocados.

—Por favor... — Ela engasgou.

Afastando-se, ele olhou para ela com intensidade feroz.

—Lucien. Diga meu nome, Mara!

—Lucien, por favor... eu quero...

—Para ser livre. — Ele deslizou a palma da mão pelo corpo dela, segurando o seu quadril. —Eu vou libertá-la do demônio dentro de você.

—Não. — Seu protesto terminou com um gemido quando a língua jogou delicadamente sobre um mamilo arrepiado. O prazer derramou por ela quando se arqueou para o seu toque. Seus dedos se enroscaram através de seus longos e sedosos cabelos.

Ela queria a boca dele sobre ela, seu corpo se juntando ao dela. No entanto, ele era letal e poderia despojá-la até o seu último vestígio de força: da escuridão que a mantinha viva desde a morte de seus pais.

Lucien se afastou e capturou seu olhar com o dele.

—A escuridão vai matá-la. O demônio dentro de você é a sua sentença de morte. Se você libertá-lo e matar a pessoa que a machucou,

você estará condenada. Você deve acasalar comigo ou eu vou destruí-la. Sua alma vai queimar no fogo eterno.

Angústia sombreava o seu rosto. Seu olhar era de pura possessividade masculina.

Chegando entre suas pernas, ele a acariciou lentamente, aumentando mais a umidade do seu corpo excitado. Ela gritou em choque prazeroso.

—Nós vamos ser amantes. Você não pode lutar contra isso. — Ele murmurou.

Ele pairava sobre ela, seu corpo grande pressionando-a contra o colchão macio. Sua ereção cutucou suas dobras escorregadias. Um soluço escapou de seus lábios, enquanto ela lutava pelo controle, para evitar a abertura de suas coxas e deixá-lo reclamar a sua carne.

—Venha para mim, Mara. Abra-se à paixão eu vou mostrar-lhe o incrível prazer de uma noite que nunca acabará. Você vai ser minha. Apenas meus lábios sobre sua pele, meu corpo se juntando ao seu. Eu nunca vou deixar ninguém machucá-la, mas só se você se render a mim.

Mara gemia de prazer carnal, enquanto sua boca quente roçava seu pescoço longo e esguio. Se ela escutasse as suas promessas, Lucien iria dominar e reclamá-la na carne, e ela não seria mais uma Darklighter. A parte demônio dela não estava adormecida, e o fogo, o doce prazer erótico, o calor iria consumi-la... lamber sua pele nua...

A pele dela.

Sua pele estava em chamas.

A dor lambeu sua pele nua como agulhas ardentes, quando se tornou consciente. Foi-se a visão erótica do vampiro sensual fazendo coisas carnais no seu corpo. Sua advertência pairou no ar em um sussurro fantasma.

—Una-se a mim, Mara. Perca a sua alma na minha. Perca a escuridão, ou perderá sua vida.

Nada de cama macia pressionando contra o seu traseiro nu. Em vez disso, havia a dor da última surra. Ela estava nua, acorrentada a

um pilar em um porão úmido e escuro. Mara lambeu os lábios secos. Sua garganta seca queimava como o deserto quente. A visão que ela teve, era seu subconsciente substituindo a agonia quente por prazer quente.

Dois dias atrás, ela tinha acabado de sair do campus, quando um homem idoso com sangue escorrendo pela testa pediu-lhe uma carona até o hospital. A compaixão fez com que abrisse a porta do carro. Depois, ela sentiu uma picada no pescoço, então, nada.

Quando ela despertou do efeito da droga, estava neste porão escuro. Seu captor a tinha espancado brutalmente, deixando-a acorrentada ao pilar. E então ela caiu no sono cinzento e no mundo sensual que ela, mentalmente, criara para salvar a sua sanidade.

Agora, ela sabia que ninguém iria salvá-la. Ela estava sozinha.

Uma leve brisa agitava o ar. O brilho das estrelas e do luar derramava-se através de uma janela entreaberta. Ela sacudiu suas correntes, tentando alcançá-lo. Ela ainda não tinha explorado todos os seus poderes, uma vez que surgiu há dez dias, tanto o anjo como o demônio que se escondiam na sua alma. Talvez, apenas talvez...

As correntes dobraram uma fração quando ela se concentrou. A esperança tocou-a.

Passos pesados soavam nas escadas.

—Por favor, não... — Ela sussurrou, a voz estava embargada. — De novo não.

A voz estridente gritou contra seus tímpanos sensíveis, como um risco de uma garra em um quadro-negro.

—Não desta vez, querida. Você está recebendo um alívio. Para toda a eternidade.

Uma porta para outro quarto se abriu e a luz atravessou a escuridão. Ela fechou os olhos, sentiu o cheiro de fumaça. O terror a imobilizava.

Seu sequestrador alimentava uma grande fornalha de ferro com madeira. Ele assobiava enquanto trabalhava. Com um medo louco, ela percebeu que a música era "Disco Inferno".

Escadas, onde estavam as escadas? Não! Tão perto. *Faça uma pausa e se concentre...*, ela poderia fazê-lo. Ignorando a combustão, Mara torceu o pulso para se libertar da algema.

Os passos pesados aproximaram-se.

—Hora de ir.

As correntes se abriram, escorregaram para o chão com um ruído alto. Ela chutou e lutou, mas dois dias sem comida ou água deixaram-na fraca.

—Por que você está fazendo isso? Por favor, não me machuque. Por favor, eu vou ser boa, eu prometo! — Ela gritou.

—Você nunca poderá ser boa. Você é má. E o mal deve ser enviado de volta para o inferno.

A porta do forno foi aberta, as chamas lamberam o ar. O terror a imobilizava.

—Bem vinda ao inferno, demônio.

Mara gritou.

Capítulo 2

Ninguém pode forçar a mão com Lucien Marcello, o mais poderoso da Sociedade Ancient.

Nem mesmo Anderson Stamos, shifter meio-dragão e o recém-nomeado diretor da Sociedade para a Eliminação da Magia Malevolente.

De uma posição elevada sobre o sofá de couro na casa de Lucien, em Michigan, Anderson mexeu numa maleta, enquanto Petra, a demônio assistente de Lucien, assistia à televisão.

Lucien apoiou-se angustiado em uma espreguiçadeira polida de tronco de carvalho, que servia como uma mesa de café. Ele deu ao diretor um olhar frio e enviou um pensamento à mente de Anderson. *'Eu poderia romper sua traqueia com um movimento do meu dedo. '*

Outros diretores tremeram quando Lucien testou-os. Ele era o mais poderoso de todos os Ancients, os soldados que lutaram contra o mal para a Sociedade. Mas Anderson nem sequer suou. Lucien deu um aceno imperceptível de aprovação.

O diretor abriu rápido a pasta de papel pardo.

—A sua nova atribuição. Mara Fuller, idade 21. Até uma semana atrás, ela era uma estudante em tempo integral. Mas Dennis Jones, um humano psíquico que mantém uma cruzada para destruir aqueles que ele considera do mal, sequestrou-a.

À menção de Jones, Lucien não escondeu sua raiva.

—Aquele desgraçado ainda está vivo? O que ele fez?

—Tentou queimá-la viva em uma fornalha.

Isso o encheu de repulsa, mas ele nem sequer piscou.

—As chamas apagaram e ela escapou sem ferimentos. Mas ela quer vingança.

—Jones deve morrer.

—Você sabe que não pode fazê-lo, Lucien. Cabe às autoridades humanas fazer a justiça. Estamos proibidos de tocá-lo.

Alcançando o copo de vinho que Lucien estendia, Anderson inalou o aroma delicado da velha safra francesa, antes de tomar um gole. Então ele baixou o copo, para puxar uma fotografia da pasta.

Lucien estendeu a mão. Olhando para ele, a foto flutuava em suas palmas. Ele estudou com desprendimento aparente.

O rosto doce trouxe de volta uma visão que ele nunca poderia esquecer.

Mara. Olhos azuis como um lago tranquilo, cabelo loiro-cinza varrendo para baixo em um corte brusco, apenas abaixo de seu queixo suave e um bonito nariz de ponta arrebitada. Ele queria beijá-la, arrastar a boca em toda a suavidade de suas bochechas. Afugentar as sombras que escureciam os seus olhos e ouvir o seu nome em seus lábios, quando o seu rosto brilhasse com a excitação.

Ele queria sentir sua pele nua e sedosa embaixo dele, saborear um mamilo endurecido sob a língua áspera, sentir seu revestimento macio e doce em seus dedos quando ele a acariciasse, persuadindo-a mais próximo ao prazer…

Lucien sabia que era o seu destino deitar-se com ela. Para fazê-la sua.

Dentro de sua calça de lã drapeada, ele estava dolorosamente excitado. O suor escorria por suas costas, molhando o seu suéter de cashmere. Mara mexeu com o seu apetite entediado, aguçou seu desejo, um desejo feroz. No entanto, este não era o destino que a Sociedade pretendia.

Ele pousou seu copo de vinho e a foto, sabendo o que o diretor requeria. Seu frio coração bateu mais forte.

—Você quer que eu a destrua. — Lucien entendeu.

Anderson não disse nada, mas o pesar sombreava o seu rosto.

‘Seu filho da puta’, ele pensou, com a dor se esgueirando através de suas entranhas. *‘Eu luto por você, eu destruo o mal. Mas eu não vou destruí-la. Não esta. ’*

Anderson esvaziou o copo de vinho.

—Ela é uma Darklighter, meio-demônio, meio-anjo. A mãe era um anjo caído. Ela se apaixonou por Aticus, um demônio menor que tinha escondido seus poderes. Eles produziram trigêmeos, antes que Elena descobrisse a verdadeira natureza do seu cônjuge. As meninas ficaram órfãs com 15 anos e Mara, a irmã mais velha por alguns minutos e a mais prática, esteve cuidando de suas irmãs... Elas tinham um considerável fundo de crédito que Aticus havia feito para elas...

—Poupe-me da árvore genealógica. Dê-me os detalhes da minha missão.

A raiva brilhou nos olhos de Anderson.

—A árvore genealógica tem raízes profundas. Você precisa saber com o que você está lidando.

Lucien agitou com a mão e uma garrafa de vinho tinto flutuou, desarrolhou e reabasteceu o copo de vinho de Anderson.

—Você precisa saber com quem você está lidando.

O diretor tomou um gole, e seus olhos se arregalaram. Sufocando, ele cuspiu o vinho.

—É um veneno leve, mas pode ser letal. Você precisa de um hospital? — Lucien perguntou.

Petra revirou os olhos. Correu para a cozinha e voltou com um copo de água. Anderson engoliu-o.

—É apenas o suco de pimenta jalapeño. Lucien, você não deve brincar com seus convidados. Eles não entendem o seu senso de humor. — Advertiu Petra.

Lucien deu uma respiração profunda.

—Não vou destruir esta Darklighter. Se você insistir comigo sobre isso, o suco de jalapeño vai parecer com água gelada em comparação com o que vou fazer no seu interior.

O diretor baixou o olhar para a pasta.

—Agora que elas estão com 21, as três entraram em seus plenos poderes. Se Mara matar seu captor, seu lado demônio irá assumir e ela vai se transformar, ficando totalmente má. A Sociedade decidiu seu

destino. Sua tarefa é acasalar. Absorver os seus poderes escuros e difundi-los para que ela não se transforme totalmente em demônio.

O silêncio desceu sobre a sala, quando a demônio desligou a televisão.

—Ele disse '*companheira*' ou '*encontro*'? — Petra perguntou.

Lucien pegou uma respiração profunda. Colocou o copo na mesa de café, que sacudiu quando ele perdeu a compostura.

—Petra, vá para a outra sala! — Ele disse de forma enérgica.

Quando a demônio saiu, Lucien falou com uma voz que poderia cortar aço.

—Você quer que eu seduza Mara e roube os seus poderes demoníacos.

—Sim. É a única maneira de garantir que ela vai permanecer inofensiva.

—Não vou forçá-la contra sua vontade. — A tensão apertou seu queixo até o ponto da dor.

—Você é um sedutor, Lucien. Legiões de mulheres caíram de bom grado em sua cama. Esta não será diferente. Você e dois outros antigos são os únicos capazes de salvá-la. Você é o mais poderoso.

—Tenho cumprido cada tarefa que me foi dada, desde que fui introduzido na Sociedade. Mas eu não vou fazer isso. — Lucien, disse em uma voz de comando.

—Se você se recusar, a Sociedade vai reativar a recompensa pela cabeça de Petra. Ela não vai durar um ano.

Com um estalo alto, os copos de vinho quebraram. Seu olhar era glacial.

—Eu vou rasgar qualquer um que se atreva a machucar Petra.

—Você pode tentar. Mas você pode proteger Petra contra centenas de caçadores de recompensa?

Seu frio coração bateu mais forte.

—E se Mara matar antes de acasalar? Ela deve morrer?

Anderson acenou com a cabeça.

—Mas há capacidade para o bem, nela. Queremos salvá-la, não destruí-la.

Eles iriam destruí-la, se necessário. Decreto da Sociedade era a destruição do mal.

—Você tem dez dias. Nossos espiões indicaram que Mara e Jones estão na mesma cidade. Enviamos dois lobisomens caçadores de recompensa para vê-la. Se ela fizer um só movimento contra Jones, eles estão livres para derramar o seu sangue.

Ele assobiou, mostrando suas presas.

—Não se eu chegar primeiro.

Empalidecendo, o diretor reuniu sua pasta.

—Você conhece as regras. Eles têm imunidade diplomática para as suas presas, Lucien. Eu já vou.

Quando ouviu o som da porta da frente batendo, Lucien olhou para a foto. Seus dedos longos traçaram sobre a pele luminosa, a curva doce da boca.

—Uma Darklighter.

Como o silêncio de um vampiro, Petra entrou na sala. Suas orelhas pontudas estavam flexionadas.

—Não tínhamos uma dessas em anos.

—Eu sei. — O coração de Lucien apertou. Ele contou para trás em latim, para recuperar a compostura perdida. —Suba as escadas e arrume as nossas coisas. Vou precisar de sua capacidade de monitoramento.

Uma pequena mentira inocente. Ele não deixaria Petra sozinha. O estômago de Lucien apertou com o pensamento dela sendo despedaçada por lobisomens caçadores.

—Eu não vou chegar perto de um Darklighter. Você já viu um, quando eles se transformam em demônio? Ouvi dizer que ficam cinza e desagradável...

—Eu já vi.

Uma dor fresca atacou-o como uma faca quente. Ele não conseguiria destruir outro Darklighter. No entanto, ele não poderia arriscar a vida de Petra, tampouco.

Talvez esta Darklighter pudesse ser salva. Lucien olhou novamente para a foto, lembrando-se da visão. O desejo bombeou quente e doce em suas veias, quando ele imaginou seu corpo nu, flexível e macio, debaixo dele. As presas explodiram em sua boca ao imaginar como ele tomaria seu sangue ao se unirem na carne.

—Por que não deixá-la matar para que a Sociedade a destrua?

A Petra prática. Lucien olhou para a foto. Com o seu doce rosto em forma de coração, magras bochechas e grandes olhos azuis Mara estava tão assustadoramente vulnerável, sem saber do mal que espreitava dentro dela.

Assim como havia ocorrido com outra, 42 anos antes.

—Pois ela pode ser transformada. — Ele finalmente disse, lutando contra as emoções crepitando sobre ele. —Ela merece mais do que a minha ultima missão Darklighter.

— O que quer dizer?

—Ela merece uma chance.

Capítulo 3

Uma brisa fresca sussurrou por entre as palmeiras que revestiam Miami Ocean Drive. South Beach, no final de outubro, levava multidões de pessoas para os cafés ao ar livre, bares alegres e as areias quentes.

Entre eles estava o homem que tentou matá-la há cinco dias, Mara pensava, enquanto sentava-se em um muro baixo que separava a calçada da praia de areia branca. Em sua camiseta pêssego com decote redondo e jeans, ela parecia como todo mundo. Só que ela tinha um arsenal escondido: dois punhais embainhados em seus tornozelos e um canivete em seu bolso traseiro. O armamento real era o seu lado demoníaco.

Mara sentiu que a escuridão dentro dela estava cada vez mais forte. Ela saiu da escola, deixou o emprego de meio período e foi à caça da cabeça de Dennis Jones.

Pegando o cheiro do maligno, ela se virou. Alegria fria encheu o seu ser. Dennis Jones. O mesmo terno de lã preta, camisa branca e cabelos brancos, apontando para cima em pequenas pontas. Suas unhas começaram a alongar e o lábio superior de Mara levantou, sentindo seus dentes inferiores afiarem a pontos minúsculos. Jones entrou numa cafeteria.

Quando ela estava para segui-lo, sentiu duas mãos ondular em torno de seus ombros, forçando-a para baixo. Ela era forte, mas a força dessa pessoa era surpreendente. Mara se contorceu, lutando para se libertar.

—Sente-se! — Uma voz de veludo profundo, ordenou.

Um choque encheu-a. Era a mesma voz sensual que ela tinha ouvido falar no seu sonho.

Mara sentou-se.

—Fique quieta.

O timbre rouco realizou uma nota convincente. Era demais. Ninguém lhe diria o que deveria fazer novamente.

—Se você me disser para rolar, amigo, eu vou morder.

—Minha mordida é muito pior.

Ela sentiu as mãos quentes começarem a massagear seus ombros tensos. Seu toque afugentava a luz negra, forçando o demônio de volta. Seu coração começou a bater uma batida firme e tranquilizadora, em vez de bater como uma britadeira. Mais confusão a encheu. Que tipo de magia era essa?

O aperto aliviou. Ela se virou.

Ele era alto, magro, musculoso e vestia uma camisa listrada, azul e branco e calças azul-marinho com pregas. O vinco das calças caia elegantemente sobre os sapatos de couro polido. A roupa elegante contrastava com os cachos negros escorregando até os ombros largos. Mas era o rosto que a surpreendeu. Os lábios, bochechas cavadas e nariz reto, ostentavam uma herança aristocrática. Olhos da cor da meia-noite perfuravam-na.

Confusão e excitação se entrelaçavam nela como serpentes. O mesmo homem do seu sonho! Ela ansiava por tocá-lo, passar as mãos sobre sua pele, saboreá-lo. A fome de vingança diminuiu, substituída pelo calor sexual gritante.

Droga, ela não queria isso. Empurrou o seu torso e encontrou músculos sólidos. O homem não se mexeu. Mara olhou. A última vez que ela tentou, quando Jones a tinha empurrado para dentro da fornalha, ela o mandou voando pela sala.

—Quem diabos é você?

—Um vampiro. - Mara olhou para cima para o sol. —Eu tomo comprimidos para me ajudar a tolerar a luz do sol.

—Então você é um viciado.

—Um hábito viciante, uma criatura de desejo escuro poder caminhar sob o sol.

—Imagino que você vai me dizer que está bronzeado. — Ela provocou.

Ele abriu os dois primeiros botões de sua camisa, revelando um triângulo intrigante de cabelo escuro. O desejo sexual aguçou. Mara estudou sua pele, a mesma cor de ouro, como seu rosto.

—Eu fico bronzeado facilmente. Eu sou italiano. — Aqueles olhos escuros brilharam com bom humor, enquanto ele arrumava a sua camisa.

—Eu pensei que vampiros brilhassem sob o sol. — Ela disparou de volta.

—Nós não brilhamos, desde a época da discoteca, luzes e bolas espelhadas.

A zombaria quase a persuadiu a um sorriso. Sua boa aparência fez o seu corpo zumbir como um fio elétrico. A química entre eles parecia mágica. Mara pensou em como Jones tinha cantarolado, enquanto preparava sua pira funerária. Ela não precisava de um vampiro sexy. Ela precisava de suas armas e sua inteligência.

—Prazer em conhecê-lo, vampiro, mas eu tenho que correr.

Ele pegou o braço dela com mão de ferro.

—Não há mais corrida, Mara.

Pânico apertou-lhe a garganta.

—Como você sabe meu nome?

—Eu sei tudo sobre você. O que você é, onde você nasceu. Sei sobre seus pais. Seus poderes como uma Darklighter... — Seu olhar escureceu. —... E o que Dennis Jones tentou fazer com você.

Mara apertou suas mãos em punhos.

—O que eu fiz para você? Ou você é como Jones, que gosta de torturar os outros?

—Eu estou aqui para salvar a sua vida. — Ele disse suavemente e depois, sentou-se. —Eu sou Lucien Marcello, enviado da Sociedade para evitar que você mate Jones.

Todo ser paranormal conhecia a Sociedade secreta. Eles usaram os Ancients mais poderosos para restabelecer a ordem, quando alguém ficava maluco ou ameaçava expor a sua espécie para os seres humanos. Se os Ancients menores eram como metralhadoras, Lucien Marcello era

a sua bomba nuclear. Ele uma vez matou uma matilha inteira de lobisomens caçadores de recompensas com as próprias mãos. Os caçadores, nem sequer o arranharam.

No entanto, quando ele pegou sua mão, seu toque foi delicado. A luz branca dentro dela cantarolou, reconhecendo a compaixão e estendeu a mão para ele.

Seu lado negro se eriçou. Somente quando ela expunha seu morno lado sentimental, é que as pessoas aproveitavam. Foi raptada. Seu lado ruim era esperto demais para deixar que ela se machucasse.

Sempre o seu lado mais forte, ela pensou. Mara arrancou a mão da dele.

—Jones merece morrer. Eu não preciso ser salva. Vá morder um surfista. Deixe-me sozinha.

—Eu não posso Mara. Nossos destinos se chocaram. — Seu olhar queimou com intenção. —Você teve a visão. Seremos amantes.

O suor frio escorreu em suas costas.

—Foi apenas um sonho!

—Você sabe que não foi. — Disse ele suavemente. —Venha comigo. Não quero vê-la morrer, e... você vai morrer se matar Jones.

A ameaça pendurou entre eles. Mas ela ainda podia explorar os seus próprios poderes. Deixar Jones impune, livre para ferir mais inocentes?

Jones deixou a cafeteria. Ele olhou para outro lado da rua, viu-a e sorriu. O medo correu através dela, em seguida, coalhou em fúria fria.

—O imbecil...! —Ela sussurrou.

Rosnando, ela sentiu os dentes ficarem afiados. Dedos com as garras brotando. Mara coçava para triturar, rasgar e machucar. Assim como ele a machucou.

Pessoas olhavam para ela. Seus olhos se arregalaram e então eles correram, passando por ela. Alguns fizeram comentários sobre fotos do Dia das Bruxas.

Jones olhou para o tráfego como se fosse atravessar a rua. Mara disparou sobre os pés, só para ter Lucien pegando-a pelo pulso.

—Machuque-o, e qualquer dor que você lhe infligir, será infligida a você duas vezes.

—Vai valer à pena. — Ela pegou o canivete.

Lucien resmungou um juramento em uma linguagem reconhecida por Mara como latim. Sua mãe havia falado latim fluentemente. Sua doce e angelical mãe.

Mara pensava que seu pai tinha o poder real.

—Olhe para a direita. — Ele disse para ela. —Dois caçadores de recompensa da Sociedade estão esperando que você ataque Jones. Quando o fizer, eles estarão livres para extrair seu sangue. Não destruí-la. Apenas o machuque e eles podem feri-la muito. Pode ser que eles não esperem para ver se seus poderes já se manifestaram.

Ele deu um olhar aguçado em suas longas garras cinza. O terror serpenteava em seu coração, enquanto os caçadores caminhavam para frente. Caçadores nunca desistem. Eles gostam de jogar, atormentar a presa antes de carregá-la viva ou morta para a Sociedade.

Como seus pais, que foram levados mortos.

Lucien estendeu a mão.

—Venha comigo.

A escuridão gritou e vociferou. A luz pulsava calmante, com o senso comum. Ela não podia pegar Jones aqui, a céu aberto.

O vampiro oferecia segurança longe dos caçadores de recompensa. Ele podia ser mais perigoso, mas por enquanto, ela tomaria suas chances.

Guardando as suas garras, Mara pegou a mão de Lucien.

Quando ela estava em pé, os dois caçadores se aproximaram, suas expressões eram selvagens e com más intenções.

—Droga!... — Lucien murmurou.

O choque encheu-a, enquanto ele a puxava para os seus braços e cobria a sua boca com a dele.

Capítulo 4

O calor cantou através das veias dela, enquanto os lábios de Lucien convenciam e provocavam. Seus braços eram duas muralhas sólidas ao redor dela, segurando-a rapidamente. Ela parou de tentar afastá-lo. A escuridão que estava rosnando desapareceu, substituída por intrigas e desejo.

Seus braços deslizaram para enrolar em volta de seu pescoço. Puxou-o ainda mais próximo quando ele aprofundou o beijo.

Ela nunca soube que um beijo pudesse ser tão maravilhoso. Abrindo seus lábios, ela empurrou a sua língua dentro da caverna úmida da boca dele. Provocando, lambendo, provando. Sua língua tocou a ponta de uma presa, sentindo-a descer em resposta.

Ele provou as trevas e o pecado, tentação e deliciosa necessidade. E ainda, sob o querer perverso havia o gosto amargo da tristeza, como se Lucien tivesse dançado com um demônio muito mais poderoso do que o que estava dentro dela. A paixão amarrava os dois juntos.

Seu perfume enrolou em torno dela em gavinhas de especiarias e masculinidade pura. Mara choramingou quando ele fechou suas mãos em seu cabelo. Sua ereção esfregou contra seu baixo ventre.

Seremos amantes.

Reivindicando seu corpo, assim como ele reivindicava a sua alma, dominando-a e nunca permitindo que a sua liberdade a inebriasse e a chamasse para a vida. A visão queimava em sua mente enquanto a sua língua se enroscava com a dela.

E então ele se afastou, seus olhos escuros acalmaram-se, enquanto os dela estavam arregalados com o desejo, sua respiração, assim como a dela, era irregular.

O beijo não significou nada. Nada mesmo.

Tremendo, com a mão ela limpou o seu gosto, seu toque. A raiva queimou com uma chama fria.

—Que diabos foi isso?

—Dê-me um momento. — Disse Lucien.

Jones havia desaparecido. Mas os caçadores não tinham ido embora.

Seu olhar caiu sobre eles como um raio laser.

—Deixem-nos. Ela não violou nenhuma regra.

Um grunhido retumbou profundamente de um lobisomem. Eles não se moveram. Lucien apertou sua mão.

Sangue fluía das narinas do caçador, que rosnava. Segurando a cabeça, o shifter amaldiçoou, enquanto seu parceiro empalidecia. Eles se viraram e se foram.

—Venha. — Lucien pegou a mão dela. —Meu hotel está próximo.

Ele a acompanhou até uma elegante Mercedes. Quando chegaram ao resort à beira-mar, ela finalmente falou.

—Você me beijou como distração.

Lucien saiu e, em seguida, abriu a porta do carro com uma cortês maneira do Mundo Antigo, enquanto um manobrista corria para ajudá-los.

—Eu beijei você para marcá-la como minha. Como um aviso para que eles mantivessem a distância. E quando isso não funcionou, eu apliquei um pouco mais de pressão.

—Eu não sou sua.

Desejo ardia em seu olhar.

—Você vai ser em breve. É o nosso futuro, Mara.

As palavras deixaram-na em choque. Assim que entraram no hotel, o porteiro lhe deu um sorriso simpático e uma piscadela. Como se ele soubesse das intenções de Lucien.

Mara rosnou e enviou um pensamento, apunhalando dentro da cabeça do porteiro. Estremecendo, o homem apertou dois dedos contra a sua têmpora.

Lucien franziu a testa e a empurrou para um dos elevadores.

—Não faça mais isso, Mara. Ele não fez nada para você.

—Qual é o problema? Você fez o mesmo com o caçador. Eu só lhe dei uma dor de cabeça para que ele pensasse duas vezes antes de

piscar para mim. Não que ele tenha um cérebro, vendo o que faz para viver.

Entrando no elevador, Lucien sacudiu a cabeça.

—Não julgue tão rápido. Esse porteiro se chama Mark, e ele era um professor de economia. Mark desenvolveu um problema de jogo, sua esposa se divorciou dele e ele começou a beber. Isto é apenas temporário.

—Quem é você, Santo Lucien? Quem dá a mínima para um porteiro?

A campainha soou e Lucien afastou-se para deixá-la passar.

—Você dá Mara. Você conheceu Mark quando ele era um sem-teto, sujo e pedindo esmolas na rua e deu-lhe dinheiro para uma refeição quente. Ninguém mais olhava para ele, mas você olhou. Sua bondade lhe deu confiança para buscar ajuda e conseguir esse emprego.

Demasiadamente atordoada para responder, ela esperou que ele destrancasse a porta de sua suíte. Mara seguiu Lucien em uma sala com um sofá de couro em forma de L branco, um bar rodeado de bancos de madeira elegante. Atrás da sala estava um quarto com portas de vidro deslizantes que davam para fora, para um espumante oceano turquesa.

Fechando a porta atrás dele, Lucien inclinou-se contra ela.

—Você vai ficar aqui, comigo e fora da vista.

—Com os diabos que eu vou. Eu estou aqui só para dar um tempo, até que os caçadores parem de me seguir, mas ainda tenho energia suficiente para quebrar seus joelhos.

—Você não vai tocá-los e você não vai me desobedecer nisso.

Eriçada, ela lhe disse para fazer algo anatomicamente impossível. Seus lábios esculpidos se contraíram.

—Uma boca muito suja. Você deve ser espancada. — Ele murmurou.

—Eu desafio você a experimentar! — Ela provocou.

A respiração disparou em seus pulmões quando ele soltou o cinto Gucci de couro preto elegante, notou vagamente, enquanto se afastava. A luz brilhou sobre a fivela de prata.

Ele dividiu o ar com um ruído de crepitação quando chicoteou o ar. Os olhos de Lucien brilhavam com desafio.

Mara voltou-se para correr, mas ele a pegou pela cintura.

—Nunca se atreva a tentar qualquer coisa, Mara. Agora puxe as calças para baixo.

—De jeito nenhum! — Ela gritou.

— *Sim. Vai.*

A voz profunda falou dentro de sua mente compelindo-a a obedecer. Horrorizada, ela viu as próprias mãos tateando o zíper da calça jeans. Ela deslizou sobre seus quadris, até os tornozelos. Lucien deu um pequeno sorriso.

—Calcinha branca com pequenas flores azuis. Muito feminino. Puxe-a para baixo também.

Mara lutou contra o comando esmagador, mas com os dedos na calcinha puxou-a de seus quadris.

Sua mandíbula ficou tensa enquanto ele estudava a massa de cachos escuros, deslocando ligeiramente as suas coxas.

Lucien rodeou a cintura dela com um braço. Cativa em suas garras poderosas, ela amaldiçoou quando ele sentou e a puxou sobre os seus joelhos.

A correia quebrou no ar novamente. Tensa, ela esperou pela picada da dor. Mas em vez de bater nela, seus longos dedos acariciavam o seu traseiro nu. Lucien apertou e amassou suavemente, até que ela estremeceu de prazer.

—Eu devia bater em você..., — Ele murmurou. —... mas eu odeio deixar uma marca em uma bunda tão bela. Há atividades mais prazerosas que tenho em mente para ela.

Acariciando a bunda dela, ele deu um aperto brincalhão.

— Quando eu montar você por trás. —Um gemido escapou dela quando uma língua quente e úmida acariciou sobre uma bochecha arredondada. —Ou saborear toda a sua carne doce. Mmm...

Quando ele deslizou um dedo em sua fenda para baixo, chegando à umidade do seu núcleo, ela chorou.

—São muitos prazeres. Não vou bater em você. Eu vou saborear sua pele doce mais tarde. Toda.

Oh, por favor. Por favor.

Queimando de vergonha, ela virou o rosto. Desta vez, ela sabia que não era sua voz sedosa falando dentro de sua mente, mas seu próprio desejo.

Lucien a liberou e ela caiu no chão com a calcinha e o jeans em torno de seus tornozelos. Mara olhou-o, enquanto ele recolocava seu cinto.

—Eu levantaria, se fosse você. — Aconselhou Lucien. —Parece muito tentadora deitada no chão com as calças na mão.

Quando ela se contorceu de volta em sua roupa, ele riu. Olhando para ele, ela abotoava sua calça.

—O controle da mente. Grande coisa. Você acha que assim se coloca acima de meu demônio?

Um brilho iluminou seus olhos escuros.

—Talvez.

A mandíbula de Mara caiu, quando Lucien começou a flutuar em direção ao teto como um balão. Ele subiu, até a cabeça quase bater no teto.

—Estou muito acima do seu demônio agora.

—Oh... Uau!... — Disse ela com voz fraca.

—Embora talvez não esteja do seu anjo, se ele tiver asas... — Brincou ele, descendo lentamente.

Quando os sapatos bateram no chão, Lucien deu um sorriso arrogante.

—Sinta-se confortável. Devo fazer um telefonema.

Mara fugiu para o quarto a fim de escapar de seu olhar divertido. O vampiro tinha poderes enormes, do tipo que ela nunca tinha visto.

O mobiliário elegante em nada acalmava suas emoções turbulentas. Ela andou e, em seguida, seu olhar caiu sobre uma única orquídea branca em um vaso de vidro sobre uma pequena mesa com controles deslizantes. A orquídea brilhava com beleza.

Tão delicada e frágil. As emoções violentas se acalmaram.

Mara tocou a orquídea, lembrando-se das flores que seu pai utilizava para surpreender sua mãe. O grito de alegria suave de sua mãe, o sorriso tímido de seu pai. Então, ela se lembrou do dia em que ela foi para casa, encontrando sua irmã mais nova chorando com medo, os corpos de seus pais no chão.

O acúmulo de sangue aos seus pés.

A orquídea murchou, as folhas delicadas se enrolaram e ficaram marrons enquanto morriam.

Nada sobrevive ao meu redor. Lágrimas queimaram o fundo da sua garganta.

Ela abriu as portas deslizantes e saiu.

Com as mãos segurando no corrimão, Mara olhou para o laço delicado das ondas, o agitado mar azul. Seu estômago parecia o copo de um liquidificador.

—A orquídea morreu por causa da sua dor, não porque você assim o quisesse. —Disse-lhe Lucien.

Enrijecendo os ombros, ela olhou para o oceano. O vampiro tinha o poder de ver dentro de sua mente. Sentia-se mais exposta do que quando ele a forçou a puxar as calças para baixo. Mara deu de ombros, indiferente.

—Eu queria que ela morresse.

—Não é verdade. Eu posso sentir a sua dor. É como um vento quente, cortante e afiado.

—Você não sabe nada sobre mim.

—Você é a mais velha de irmãs trigêmeas, cujo pai e mãe combinaram em um cruzamento ilegal. Seus pais foram mortos por um

caçador de recompensas da Sociedade, há seis anos. Para escapar da atenção, você e suas irmãs fugiram para se esconderem, vivendo do fundo de economias que seus pais deixaram para vocês. Você era a principal cuidadora das suas irmãs, mas quando vocês completaram 21, se separaram porque seus objetivos se divergiram. Samantha quer usar seus poderes sombrios em crescimento para vingar as mortes de seus pais; Ariana está determinada a nunca usar seus poderes escuros e você quer se encaixar no mundo humano. Ou tentar. Você recentemente começou cursos universitários e foi sequestrada por Jones no segundo dia de aula.

Tensa, ela apertou os dedos no corrimão de concreto.

—Eu sabia que a Sociedade tinha um arquivo sobre mim. Tudo porque meu pai era um demônio, então eles têm um sobre mim também.

—Você não é seu pai, Mara. Você deve temperar a escuridão dentro de você ou ela vai matá-la.

—Quem é você, meu juiz, júri e carrasco? — Ela retrucou.

—Eu não desejo ser. Eu quero ajudá-la.

A doçura de sua voz quase a desfez. Ela devia permanecer forte. A única pessoa na qual podia confiar, era em si mesma.

—Eu não preciso de ajuda.

—Não tenha tanta certeza. Os caçadores evitaram você até o seu vigésimo primeiro aniversário. Eles nunca vão parar de perseguir você, até que a Sociedade esteja satisfeita e você não seja mais uma ameaça.

Ela se virou para ele.

—O que eles querem?

A esperança vibrou dentro dela. Se ela pudesse encontrar uma maneira de acabar com isso, ela poderia viver uma vida normal. *Por favor*, ela pensou desesperadamente. *Uma vida normal.*

Depois de matar Jones, a escuridão sussurrou.

—Que você e eu acasalemos. — Mara olhou-o. —A razão para estar aqui é essa. Quando nos vincularmos sexualmente, vou absorver os poderes escuros e difundi-los, para que você não prejudique Jones.

— O olhar de Lucien permaneceu estável, até mesmo quando uma pulsação disparou em sua garganta.

—E se eu recusar? — Mara sufocou com as palavras.

—Simples. Então você morre.

Capítulo 5

—Você poderia me matar?

Pânico quente e amargo levantou-se na garganta de Mara. Ela tinha entrado por vontade própria em seu quarto. Que idiota total ela era. Suas chances eram melhores na rua com os caçadores atrás dela, a cada movimento.

—Não, Mara. — Emoção sombreava o seu olhar. —Eu nunca iria permitir que isso acontecesse.

—Então há apenas uma escolha. Fazer sexo com você.

—Você deve. — Ele disse suavemente. —É o único caminho.

Ele usaria seus poderes de Ancient e a subjugaria, até que ela quisesse, implorasse e suplicasse. E então Lucien iria obscurecer-lhe, assim como seu corpo nu iria dominá-la na cama, sugando fora a parte de que ela temia, mas a parte de que ela precisava. A escuridão que a fazia forte e corajosa. Sem isso ela se tornaria um gentil e manso capacho. As pessoas poderiam facilmente machucá-la.

—Eu não posso viver sem meus poderes das trevas.

—Eu vou proteger você, Mara. Isso eu prometo. Eu sempre estarei próximo para mantê-la segura. Pense nisso como um acordo de negócios. — Ele deu um sorriso lento, mostrando um pouco das presas. Lucien olhou através da janela, para a cama branca como neve. — Amigos, com benefícios muito prazerosos. Vou tornar tudo muito, muito prazeroso.

—Isso é o que me preocupa.

Ela se dirigiu para dentro, com intenção de fuga. Mas antes que ela chegasse à porta, ele apareceu atrás dela e deslizou a mão pela sua cintura, puxando-a com força contra ele. Ele abaixou a cabeça, esfregando o seu pescoço. O desejo cantou através de suas veias, com seu hálito contra sua orelha. Lucien tomou o lóbulo suavemente entre os dentes.

—Pense Mara. Você viu o futuro na visão que compartilhamos. Você não pode lutar contra isso. Eu vou ter você na minha cama. Mesmo agora, suas coxas tremem para se abrir para mim, para se deitar. Eu vou fodê-la muito lentamente, e fazer você gritar, vou levá-la ao êxtase. E quando você achar que não aguenta mais, eu vou empurrar mais duro, mais forte, até que você me suplique para gozar dentro de você.

Ele não era vampiro, mas o próprio diabo. Lutar contra esta sedução parecia mais difícil do que enfrentar Jones. Ela lutava contra a sua sensualidade escura.

—Eu não quero nem preciso do seu corpo, ou da sua proteção. Eu posso muito bem cuidar de mim mesma.

Longos dedos deslizaram até o seu corpo, sob seus seios. Ele não tocou neles, mas sua mão estava a milímetros de distância, o calor ardente atravessava a sua camisa.

—Como você fez até agora? Como quando a escuridão a protegeu de Jones?

Uma dúvida minúscula piscou.

—Eu não era forte o suficiente, nessa ocasião. Eu sou agora. Mais forte do que eu era quando eu estupidamente pensei que Jones precisava da minha ajuda e o deixei subir em meu carro. Eu fiz uma boa ação e fui punida.

Com um suspiro cansado, Lucien largou-a. Mara se sentiu surpreendentemente desprovida.

—Fazer uma boa ação para um estranho pode gerar o mal. Mas diga-me isso, Mara. Como você escapou do forno? Não foi o seu poder de demônio.

A memória picou como uma lâmina em sua pele. As chamas, o calor agonizante e, em seguida, um frescor abençoado.

—A luz branca..., — Ela sussurrou. —... ela apagou as chamas, antes que aquele estúpido me jogasse dentro.

—Sua metade angelical ajudou-a a escapar. Naturezas gêmeas, Mara. O bem e o mal existem dentro de você, mas você deve encontrar o equilíbrio.

—Como? Meu demônio é mais forte. Meu demônio nunca teria permitido que eu tivesse ajudado Jones em primeiro lugar.

—Eu não posso discutir com isso.

Sombras dançavam em seu rosto quando ela se virou para ele. Em seus olhos escuros, ela reconheceu uma alma gêmea. Lucien estava frio por dentro, congelado, tão vazio, como um deserto ártico.

Usando seus poderes, ela entrou nele para encontrar o que permanecia em sua alma.

A escuridão ali a fez dar um suspiro. Ele era oco e vasto, como olhar para um vazio sem fim, sem luz para perfurar a escuridão.

Mara puxou-se para fora.

O rosto de Lucien tornou-se de granito. Emoções crepitavam sobre ela, em ondas de angústia e solidão tremenda. Suas emoções.

—Não lute contra a Sociedade, Mara. — Disse ele calmamente. — Resistir a eles só irá causar mais angústia ainda.

—O que fizeram com você?

Ele não disse nada. Uma conexão estranha foi forjada entre eles. Compelida, ela tocou seu rosto angular, sentindo a barba incipiente sob seus dedos.

—Eu sei o que eles podem fazer. Eu vi o que seus caçadores fizeram com a minha mãe e o meu pai. Eles mataram meus pais, tudo porque meu pai ficou um pouco entusiasmado...

—Ele matou um ser humano.

Mara deixou cair à mão.

—Ele tinha uma boa razão. O ser humano era um vagabundo que estava se aproveitando de pessoas inocentes. Minha mãe pediu a papai para pará-lo. Foi justiça.

—Sua mãe deveria ter notificado às autoridades.

—Por que, quando meu pai fez um trabalho mais que eficiente?

—A justiça humana é deixada para os seres humanos. É a regra principal da Sociedade. Nós temos os poderes que faltam aos seres humanos e isso perturba o equilíbrio. A justiça melhor servida é por aqueles que podem permanecer imparciais. Existem leis para nos governar, por uma boa razão.

—E as suas razões, Lucien? Por que você faz isso? — Ela sentiu um puxão ímpar de compaixão para com este vampiro. —O sofrimento que eles causam a você, Lucien? Por que você está trabalhando para eles?

Quando seu olhar escureceu e ficou mais frio, o discernimento bateu nela.

—Eles forçaram você. Deve ter sido muito ruim.

Emoções pulsavam dele em ondas. Mara chamou os seus novos poderes e incidiu sobre o vampiro. A aura negra rodeava seu corpo, pulsando não com o mal, mas com um vazio.

A luz branca dentro dela brilhou com a necessidade de confortá-lo. Mara tocou a mão para forjar uma conexão e enviar os raios de cura em seu corpo.

A boca de Lucien apertou como se ele estivesse tentando resistir a suas ministrações. Mas ele não se afastou. Mara sentiu o controle escapando, quando mais luz fugiu dela, tentando curar o amargo ferimento que este vampiro escondia. A sua metade angelical ansiava pelo vínculo com ele para aliviar a sua angústia.

Poucos minutos depois, ela cedeu de volta, drenada e gasta. Lucien a olhava com um cauteloso olhar.

—Você esgotou a sua energia boa. Por que, quando você precisa tanto dela?

Mara estendeu os dedos trêmulos.

—Estou aprendendo a conhecer a extensão dos meus poderes. É como se eu não tivesse controle sobre o anjo e o demônio dentro de mim.

—Eu posso ensiná-la a controlar o demônio. — Sua expressão escureceu. —Não sei nada sobre o controle do bem.

—Você pode me ensinar? Se você me ensinasse a controlar o demônio, eu ficaria muito grata.

—Talvez. — Ele continuou a observá-la com um olhar pensativo. —Por um preço.

Um preço demasiado alto para pagar, ela tinha certeza.

—Qual preço?

—Beije-me! — Ele exigiu.

Um beijo e nada mais. Não poderia machucar.

Mara levantou o rosto e Lucien emoldurou o seu rosto com as mãos, deslizando seus lábios através dos dela. O beijo foi um simples escovar de luz e provocações. Quando ela abriu os lábios, a mão dele fechou em seus cabelos, inclinando-lhe a cabeça para trás. Ele devastou sua boca, reivindicando, acariciando, de modo profundo.

Era como se alguém tivesse ligado um interruptor em seu corpo. Seu espírito havia estado dentro dele, seu corpo conhecia o dele, do sonho. Cada curva tensa, cada pedaço de dureza. Os músculos gêmeos que dividiam suas costas, a firmeza suave de sua bunda, a força em seus membros, o poder em seus braços.

Sabia como seria ter toda a dureza do macho pressionando-a contra a cama, estabelecendo-se entre as coxas trêmulas, quando ele as abrisse para juntar o seu corpo ao dela. O desejo sexual se intensificou, até que queimou dentro de seu corpo.

O controle foi quebrado com a urgente necessidade de sentir a sua pele quente contra a palma da mão dela.

Ela se atrapalhou com os botões de sua camisa, deslizou as mãos por dentro com um gemido, sentindo toda a sua pele ao longo do músculo rígido, os pelos macios, sobre os músculos do peito. As mãos dela derivaram para baixo, para os músculos de seu abdômen.

Mara gemeu quando o tocou, precisando disso, desse atrito delicioso pulsando entre eles. O cume de sua ereção pressionava contra a sua barriga. Imagens da visão surgiram.

Em seguida, Lucien puxou a sua camisa, tirando-lhe o sutiã branco, que caiu ao chão. Ele palmeou os seus seios, esfregando os

dedos contra os mamilos endurecidos. Quando ele inclinou a cabeça para mamar um, ela gritou.

A conexão forjada entre eles a excitava como a luz branca e escura reagia a sua sensualidade em ascensão. O vampiro estava controlando seu corpo como um mestre, acariciando-a até que ela latejava, doía e faria qualquer coisa para a libertação.

Ele iria remover a escuridão, tirando isso dela. Desnudando-a de sua própria alma.

Lucien ergueu a cabeça, os olhos escurecendo com paixão. Seus dentes alongaram-se quando ele sentiu o perfume do sangue pulsando sob a pele.

Uma porta bateu, mal registrando em sua consciência.

—Merda! — Lucien murmurou, soltando-a.

Mara se esforçou para arrumar as suas roupas, quando uma garota cantou.

—Ei, Lucien. Grande compra. Você devia ver todos os homens gostosos parecendo doces na Ocean Drive.

Ele andou em direção à sala de estar. Mara o seguiu.

Uma adolescente, alta e magra se atrapalhava com uma bolsa Gucci e uma sacola de compras. Seu cabelo preto brilhante tinha estrias vermelhas, combinando com a saia preta e vermelha e blusa rendada.

A mandíbula de Lucien ficou tensa.

—Petra, eu lhe disse para ficar no seu quarto. É muito arriscado para você se aventurar fora do hotel.

—Estava entediada de assistir televisão. Eu tive que comprar sapatos novos. Estes saltos estão me matando.

Quando Mara olhou de novo, um demônio verde substituiu a menina. O demônio sorriu, mostrando pequenos dentes pontiagudos e dentes proeminentes.

—Isso é muito melhor.

Lucien suspirou.

—Mara, esta é Petra. Minha... assistente. Petra, esta é Mara.

O demônio olhou para ela.

—A Darklighter. Eu poderia dizer que é bom conhecê-la, mas eu não confio na sua espécie.

—Eu posso dizer o mesmo sobre você, também. Eu não sabia que os demônios podem mudar de forma.

Petra encolheu os ombros.

—Brincadeira de criança.

—Bem, você mal saiu da infância. — Mara ressaltou.

—Dificilmente. Tenho 52 anos de idade. — Com seu olhar assustado, o demônio acrescentou: — Nós envelhecemos muito lentamente. Não tão lento como Lucien, mas lento. Supondo que mudar de forma é um truque que qualquer demônio pode dominar, eu posso ser qualquer um. Mesmo ir para a mente de alguém e ter uma imagem de alguém importante para eles e assumir essa forma. — Seus olhos verdes brilhavam. —Posso tentar com você.

—Não, isso não é uma boa ideia... — Lucien começou.

Um homem idoso vestido de preto apareceu. Dennis Jones.

—Como é isso? É este o seu pai? — A coisa Jones perguntou.

Mara engoliu a fúria, a emoção alimentando sua metade demoníaca de energia. Seu corpo começou a mudar quando um grunhido estrangulado saiu de sua garganta. Jones, em pé diante dela, rindo. O inimigo. Ele devia ser destruído.

A coisa Jones recuou.

—Lucien, sua Darklighter está descontrolada.

Com um grito como o de uma banshee, Mara lançou-se ao inimigo. Uma névoa vermelha embaçou sua mente, exortando-a a ferir, mutilar e matar. Ela podia sentir Jones rindo dela, insultando-a por ser gentil e ajudar um estranho sangrando.

Prendendo-a no porão escuro, a porta do forno aberta, esperando por ela...

O demônio fugiu. Mara foi mais rápida. Suas unhas alongadas encontrando carne e rasgando. O cheiro de sangue fresco deu nova vida

ao seu demônio, emitindo um rugido de satisfação. Em seguida, dois braços de aço estavam em volta de sua cintura, puxando-a para trás.

—Pare com isso, Mara! Ninguém está levando-a para o porão. Isto não é Dennis Jones.

Ele colocou a mão sobre sua testa, acalmando o demônio em fúria dentro dela. Era como se a luz branca que tinha enviado para ele voltasse para ela. Atordoada, ela sentiu as emoções se acalmarem.

Sangue verde-vermelho escorria pelo rosto do diabinho. Petra olhou apavorada, quando se afastou, enxugando o rosto. Assim que ela tocou os cortes, eles começaram a se curar. Estranho, pensou vagamente. Demônios, geralmente, não curam tão rápido.

—Lembre-me de nunca mais entrar em sua cabeça novamente. — Disse Petra com uma voz trêmula.

Os sussurros de Lucien acalmaram Mara, sua voz de veludo profundo zumbia hipnoticamente. A luz branca dentro dela respondeu ao seu apelo e encharcou suas emoções furiosas. Ofegante, Mara guardou as suas garras e a sua vontade própria voltou ao normal.

Qualquer que fosse o *'ser normal'* para um Darklighter.

Uma hora mais tarde, com Petra confinada em seus aposentos, Lucien sentou no sofá de veludo. Sentindo-se como um animal enjaulado, Mara passeava de um lado para o outro.

—Deixe-me ir, Lucien. Você não pode me manter presa aqui! Vou me arriscar com os caçadores de recompensas.

—Eu não posso deixá-la ir. — Ele disse. —Eu não vou permitir que você se arrisque, expondo-se. Suas emoções estão extremamente fora de controle, então você vai ficar aqui.

—Como o inferno que eu vou! — Mara passou a mão pelos cabelos. —E eu conheço o inferno, para saber como é. Nem sequer são as chamas e a dor escaldante que você está arranhando para escapar, é o seu próprio conhecimento detestável de bondade que prendeu você nesta jaula.

—Eu sei.

A serenidade de sua voz aplacou a sua fúria. Os olhos de Mara se arregalaram. Mesclas da angústia do vampiro enrolavam em torno de sua aura. A expressão de Lucien escureceu. Ele não gostou da intensidade que ela olhou para sua alma, vendo a escuridão olhando para ela.

Sua própria escuridão particular.

—Você está machucado. — Ela sussurrou com uma voz sonhadora e ela sabia que era a bondade dentro dela, seus poderes angelicais que viam e falam apenas a verdade. —Você se esconde bem, mas a vida fez cicatrizes em você e é por isso que fica sozinho. Tem a ver com Petra e seu passado...

Estalando os dedos, ele quebrou a visão, quebrando-a como vidro. Ela se assustou. Mara pressionou os dedos nas têmporas.

—Estamos falando de você, Mara. — Ele deu-lhe um olhar de aço. —Você admitiu que não consegue controlar o seu anjo ou seu demônio.

Ela engoliu um suspiro trêmulo, chocada com a verdade.

—Então me ensine Lucien. Ensine-me a controlar o meu temperamento e as minhas emoções. Tudo que eu queria era ir para a escola, viver uma vida normal.

—Não há tal coisa como uma vida normal. Não para você. — Ele disse suavemente. —Vou ensinar-lhe moderação e a encontrar o equilíbrio, Mara. Mas você deve me obedecer e seguir as minhas regras. Eu estou fazendo isso para sua própria proteção.

À menção de obediência, o demônio rebelde elevou sua cabeça feia.

—Eu não preciso de proteção, eu preciso dos meus poderes!

—Seus olhos estão piscando em vermelho, novamente, Mara. A escuridão está tomando conta. Não teste a minha paciência. Você não vai gostar das consequências. Você não sabe a extensão do meu poder. Posso entrar na sua mente e controlar cada pensamento.

Ah, maldito. Seu demônio se retirou apressadamente. Mara deu um passo para trás, os joelhos batendo com o assento do sofá.

—Sente-se! — Ordenou em um tom sedoso.

Ela sentou.

—Fique aí! — Ele sussurrou.

Algo tocou dentro de sua mente com um dedo de veludo. O calor ruborizou o seu rosto, enquanto ela o sentiu dentro dela, em torno dela.

Lucien começou a tocar seu corpo como um violinista tocando as cordas de um instrumento. Acariciando. Tocando. Todo o tempo ele permaneceu sentado na outra ponta do sofá, tão longe como o Ártico.

Olhando para ela.

Gemendo, ela jogou a cabeça para trás, tendo a sensação de formigamento em sua pele enquanto mãos fantasmas deslizavam sobre o seu corpo, puxando seus mamilos, manuseando-os até as pontas excessivamente sensíveis crisparem. Em seguida, ela sentiu como se centenas de mãos longas e elegantes estivessem tocando por todo seu corpo.

Com vazio imparcial, ele a observava de braços cruzados, sua boca uma barra sombria.

O toque era exótico, requintada adulação de seu corpo frio. Mais mãos acariciavam suas costas, mergulhando entre sua calcinha e sua bunda. Um dedo deslizou suavemente entre suas nádegas, brincou.

Palmas seguravam seus quadris enquanto as mãos fantasma deslizaram entre suas coxas, abrindo-as. Umidade chorou de seu núcleo. Mara apertou os punhos, tremendo e lutando contra as sensações quando os dedos delicadamente abriram a fenda encharcada, deslizando através dela.

Um longo dedo entrou em seu núcleo, os tecidos sensíveis tremeram com o intruso fantasma. Mara apertou o cerco, tentando mantê-lo fora, mas não conseguiu. Ele esfregou para trás e para frente, fazendo-a gemer. Outro brincou com o clitóris, circulando com golpes preguiçosos que aumentaram a um ritmo determinado. Seus olhos se arregalaram, enquanto gemidos saíam de sua boca. Ela era um boneco e ele o marionetista mestre, puxando as cordas de seu corpo, cada toque leve como pena, trazendo mais e mais...

—Por favor... — Ela engasgou. —Por favor.

Lucien inclinou-se perto, com olhar feroz.

—Por favor, o quê, querida?

—Deixe-me gozar. — Ela choramingou.

Um pequeno empurrão, um golpe mais duro e ela gozou, estremecendo seu corpo. Mara afundou no sofá, exausta e tremendo. Sua cabeça inclinada para trás e seu pescoço como o talo de uma margarida quebrada.

—Eu posso controlá-la, doçura. Eu preciso apenas entrar na sua mente para fazê-la sexualmente submissa à minha vontade.

O cheiro almiscarado de sua excitação enchia o ar. Ela engoliu um suspiro quebrado, tentando esconder seu choque.

—Isto é para sua proteção, Mara. Eu não vou vê-la rasgada por caçadores. — Uma sombra cruzou o rosto. —Então, agora, você vai seguir minhas regras?

—Talvez.

Uma mão fantasma em concha entre as pernas começou a massageá-la.

—Não mais. — ela gemeu. —Tudo bem, eu vou seguir as suas regras.

A mão desapareceu. Lucien sorriu com pura satisfação de macho.

Dois poderiam jogar este jogo, pensou ela.

—Eu tenho algumas regras próprias. Nada mais de foda mental.

Mara passou a mão sobre a coxa firme dele, alcançando entre as pernas. Espremendo a dura e grossa ereção que se contorceu debaixo de sua mão.

Desta vez, ele não estava tão imune a ela. Todo o tempo que ele acariciou-a até o orgasmo, o seu próprio corpo tornou-se excitado. Satisfeita, ela sorriu e apertou novamente.

—Lucien?

Ele arfou, e atraiu uma respiração irregular.

—Eu concordo. Não haverá mais seduções telepáticas.

Quando ela se afastou, satisfeita com a sua pequena vitória, ele caiu de costas contra o sofá. Mas o vampiro deu um sorriso lento.

—Eu prefiro esperar pela coisa real, seu corpo nu em meus braços. Muito mais que um desafio emocionante.

É disso que eu tenho medo, pensou ela.

Capítulo 6

O dia seguinte provou ser torturante para Lucien, enquanto ele trabalhava com Mara.

Ela dormira em seu quarto a noite toda. Resistindo à tentação de se juntar a ela na cama, ele sentou na sala, assistindo televisão. Precisava de pouco sono e alimentava-se apenas uma vez por mês, embora ele pudesse usar um pouco de alimento dos humanos. Não estando disposto a deixar Mara desprotegida, ele mudava os canais, tentando ignorar a fragrância de seu perfume.

Seu corpo exuberante era doce e quente, o gosto de sua boca havia levado sangue quente para a sua cabeça e virilha. Lucien nunca tinha despertado tão rapidamente. Após dois mil anos de existência, poucas mulheres poderiam agitar sua alma cansada. Mas sua alma já estava manchada pelo sangue de outra Darklighter. E ele jurou que nunca iria deixar que isso acontecesse novamente.

É por isso que é melhor ficar sozinho, ele pensou. Devo domá-la, tirar os seus poderes sombrios.

Mas na tomada de sua escuridão, ele estava retirando o espírito que a fazia forte? Sentado no sofá em sua suíte, Lucien observava a sua linha de dominós no chão de ladrilhos, um exercício entediante para ensinar-lhe paciência. Quando ela pegou o último ladrilho com um sorriso triunfante, ele deu um peteleco com um dedo e o resto caiu.

A raiva escureceu seu rosto.

—Isso não é justo. Coloque-os de volta. Você prometeu que eu poderia nadar, se eu colocasse todos eles para cima.

—Eu prometo não derrubá-los mais. Paciência, Mara. — Ele considerava seu rosto corado. —Dennis Jones ainda está em Miami, a propósito. Eu o vi em um café ao ar livre, quando fui à loja para comprar os dominós.

As garras emergiram na ponta dos dedos. Seus olhos se voltaram sangue vermelho, seus lábios uma fina linha branca. Rosnando, lançou-se através do quarto.

Lucien apertou-lhe a mão e Mara caiu. Ela se recuperou. Ele permitiu que ela o enfrentasse, riscando uma linha fina e vermelha para baixo em sua bochecha. Cuspindo, ela estendeu a mão para derrubá-lo novamente.

Mara fez uma pausa, franzindo a testa em confusão. O olhar centrava no sangue em sua bochecha. As características demoníacas desapareceram.

Sua boca vacilou trêmula.

—Eu machuquei você. Lucien, Eu machuquei você e eu não quis fazer isso. Sinto muito.

Enquanto ela falava, sua ferida cicatrizava.

—O demônio assumiu. Sua fúria soltou-o e você perdeu o controle. — Lucien odiava a desolação sombreando o seu rosto.

—Eu não posso fazer isso. Toda vez que eu fico com raiva, penso em Jones querendo machucar-me. E se eu nunca puder aprender a controlar isso? Eu me sinto tão sozinha.

—Você vai. Pare de pensar em Jones. Ele só alimenta o seu demônio.

Sua angústia rachou a pedra fria que era o seu coração. Deuses, ele sabia o que era a sensação de estar sozinho e isolado. Ele não sentia nada mais que isso em sua vida miserável. Ele devia ajudá-la. Mesmo que sua alma se rebelasse com a ideia de enredar sua vida com uma Darklighter perigosa.

E seu coração se rebelou também.

No entanto, Mara estava tão desolada e abandonada que os instintos protetores de Lucien surgiram. Ele a levou em seus braços, deixando-a encostar-se a ele como apoio. Como ela sobreviveu nestes anos sozinha, sendo a guardiã de suas irmãs, trabalhando duro para escapar da atenção?

A batida sólida de seu coração ecoava em seus ouvidos. Ele podia sentir o bombeamento de sangue em suas veias, sua dor confusa voltou à calma. Sentiu seu corpo suave e quente, fundir com o seu.

Suas presas alongaram, assim como sua virilha endureceu. Lucien acariciou a maciez de seus cabelos. Ele a queria em sua cama, mas não na sua vida. Ela poderia ser a morte dele.

—O que você faz quando está com raiva, Lucien?

—Eu conto até dez de trás para frente em latim.

Mara levantou o rosto e franziu o nariz. Encantado, ele riu e tocou seu rosto, forjando uma conexão entre eles. Mara olhou para ele com um olhar esperançoso.

—Se está tão empenhado em subjugar o meu demônio, você pode pelo menos ensinar a minha metade angelical como chutar alguns traseiros?

Outro toque que quebrou o seu coração frio. Lucien sorriu, derretendo na expressão adorável no rosto em forma de coração. Caramba, ela era linda, sexy e tão tentadora. Acasalar com ela seria perigoso, porque ela tinha o poder de desvendar sua contenção fria. Mara estava mexendo com ele.

—Eu costumo morder pescoços. Eu sou um vampiro. — Ele brincou.

Um pulso bateu violentamente na parte lateral do pescoço longo e fino dela. Seus dentes doíam. Ele desejava colocar sua boca sobre ela, marcá-la tomando seu sangue. Ela teria um gosto quente e doce deslizando em sua garganta.

Ele brincou com uma mecha de seu cabelo sedoso, seu olhar tinha pálpebras pesadas, enquanto ele considerava seu ônus. Ele imaginou afundando seus dentes em sua pele macia, enquanto ela se agarrava a ele nua, gritando num sexo alucinado, suando em seu colchão de penas.

Ou no chão.

Ou neste sofá.

Aqueles olhos azuis perfurando os dele.

—Vampiros são supostamente seres poderosos. Já ouvi histórias sobre Lucien, o Ancient, que pode matar com um único pensamento. E ninguém pode matá-lo.

—Ninguém é totalmente invencível.

—Você parece tão forte.

Ele sentiu um frágil vínculo de confiança crescer entre eles.

—Não se eu estiver sem cabeça. — Ele tentou brincar. —Ou enfrentando fogo. Ambos podem me matar. É por isso que eu mantenho as facas do jantar fechadas à chave e muitos extintores de incêndio à mão.

—Estou me sentindo meio quente mesmo. Muito quente.

Mara colocou os braços ao redor da cintura dele. Assustado, ele percebeu que ela estava puxando sua camisa para fora. As palmas das mãos deslizavam para cima, pelas costas nuas. O corpo de Lucien apertou com prazer quando ela tocou nele.

À medida que mergulhou no desejo em seus olhos azuis, ele só queria segurar o momento entre eles, como um globo de neve de vidro. Mara com sua doçura angelical e sua paixão demoníaca.

Eu poderia me apaixonar por você.

Doce misericórdia, amor? Sexo era uma coisa. Emoções, inferno não, ele não podia permitir. O amor era letal.

Ele matava.

Pânico correu pela espinha acima.

Ele afastou-se, preparando-se contra a dor em seus olhos. Primeiro ele ensinaria à Mara moderação e paciência, e a recuperar a compostura perdida. Nada de sexo, até que ele estivesse firmemente no controle de suas emoções.

Esta Darklighter não o quebraria como a outra o quebrou.

Pelas próximas duas horas, ela testou seu controle sexual. Ele, finalmente, saiu para tomar ar fresco e tentar se refrescar.

Quando Mara saiu para a varanda, ele reprimiu um gemido. Ela suspirou e deu um voluptuoso alongamento, o movimento empurrou seus seios para cima.

Seus dedos coçavam para tocá-los, esfregar os mamilos e depois fechar sua boca sobre um, desfrutando seu pequeno gemido enquanto ele os sugavam.

A calça parecia muito restritiva. Ajustou-se, observando-a inalar o ar salgado, com um sorriso provocante nos cantos da molhada boca vermelha.

Determinado a esfriar, ele envolveu-a em uma conversa animada sobre os seus estudos, suas esperanças, seus sonhos de obter uma licenciatura em administração de empresa. Quando ele disse a ela que sua riqueza vinha de ser um parceiro silencioso em várias empresas de investimentos, seus olhos azuis brilharam.

—Eu quero ser uma consultora de investimento. — Ela confidenciou, empurrando para trás uma mecha de cabelo.

—Faz sentido. O seu lado demoníaco iria misturar-se bem em Wall Street.

Seu riso soou como um gorjear completo, rico e ousado. Era o riso de uma mulher sem o medo do que os outros pensavam. Totalmente encantado, ele se inclinou e a beijou.

Seus lábios eram macios e quentes sob a pressão dos dele. Lucien segurou o rosto dela e bebeu de sua boca, perdendo-se em sua doçura. Sua língua acoplou com a dela, quando ela suspirou em sua boca.

Ela era inebriante como o melhor vinho, o mais rico gosto de sangue na língua. Ele se afastou, pondo distância entre eles. Dando a desculpa de conseguir bebidas para os dois, ele viu a sombra da decepção no seu rosto.

O gelo tilintava nos copos, enquanto ele preparava as bebidas. Mara era mais perigosa do que a Sociedade tinha percebido, pensou com tristeza. Ela era uma arma letal.

Algum tempo depois, Lucien sugeriu um mergulho para se refrescar.

Para ele, não ela, ele observou com tristeza.

A piscina do hotel estava lotada com os modelos magros de mulheres em tangas e homens morenos em trajes de banho apertados.

Não era um hotel familiar. Nem havia uma criança à vista. Apenas adultos olhando uns para os outros como famintos em dieta, em um Buffet *'tudo o que você puder comer'*.

E Mara, na água ao lado da piscina.

O biquíni vermelho e branco que ela usava abraçava cada contorno delicioso de seu corpo exuberante. Quando ele a levou para a loja do hotel, o biquíni foi o único que se encaixou. Ele preferia um modelo de uma peça, para uma tia, modesta e virginal. Do século 18.

Lucien respirou profundamente, lutando por seu controle duramente conquistado. Ele queria espalhar as suas pernas e levá-la no deque da piscina. Esquecer todas as pessoas que pulavam na água, tomando sol sobre as varandas. Ele queria fazê-la gemer. Fazê-la gritar e se contorcer. A emoção percorria-o, enquanto ele imaginava sua doce boca, inchada e vermelha de seus beijos possessivos, por todo o corpo. O sangue subiu grosso em suas veias, inundando o seu pênis.

Ele olhou para a expressão sonhadora de Mara. Seu sorriso desapareceu quando ele tocou sua mente. Uma nuvem negra do mal, invisível para todos os outros, embaçava o ar ao seu redor.

Apesar de suas instruções expressas, Mara estava pensando sobre a morte de Jones. Lentamente.

Tempo para outra lição.

Nunca teste o vampiro.

Uma sombra caiu sobre ela, quebrando o sonho como se fosse de vidro. Mara olhou para cima, olhando para dois pés bem formados, a curva de musculosas panturrilhas polvilhadas com cabelos escuros.

O calção preto abraçava os quadris magros. Todos os centímetros, de um metro e noventa de vampiro gostoso pairavam sobre ela. Pensamentos de Jones deram lugar a um disparo afiado do desejo. Mara fechou os olhos contra ele.

Lucien só queria despi-la de seus poderes, deixá-la indefesa e dependente dele. Ela não dependia de ninguém, desde o dia em que seus pais morreram.

Gotas espirraram sobre ela, quando Lucien executou um mergulho perfeito na água. Ela ouviu vários suspiros femininos de apreciação quando ele nadou para o lado dela.

Mais água navegou em seu rosto enquanto ele alegremente balançou a cabeça. Seu cabelo preto como tinta estava colado ao seu crânio. Então, de repente, ele mergulhou. Lucien nadou debaixo da água. Com uma mão, ele segurou-a para baixo.

Outro jogo. Legal. Ela ia mostrar-lhe. Mara chutou para cima. Mas quando ele não mostrou sinais de libertá-la, o pânico começou. Bolhas foram expelidas, quando ela lançou um suspiro. Mas não havia mais ar. Somente água.

Ele a estava afogando? Aqui na piscina do hotel?

Ar, ela precisava de ar. Mara se esforçou, mas a sua força de vampiro era superior a dela e manteve-a submersa. A escuridão levantou-se, exigindo viver. A água começou a se agitar e a ferver, aquecendo vários graus. Ainda assim, ele a segurou. A visão de Mara cresceu acinzentada. Seus pulmões gritavam por ar, enquanto o seu demônio se esforçava para se libertar.

Vamos lá, uma voz sussurrou.

A luz branca, superando a escuridão. Estimulando-a, a parar de lutar. Cada instinto combateu contra isso. A vontade de se render ficou mais forte. Mara relaxou e se deixou ir.

A luz branca derramou de seu corpo, refrigerando a água instantaneamente e fortaleceu seu corpo. Em uma explosão de energia renovada, ela soltou-se de seu aperto. Mara apareceu, arquejando e tossindo, engolindo o maravilhoso e abençoado ar.

Seus dedos agarraram a borda da piscina. Quando seu coração parou de disparar, ela olhou para Lucien.

Os banhistas haviam fugido da piscina, reclamando que estava muito quente. Alguns voltaram agora, mergulhando um dedo do pé na água. Lucien olhou calmo e tranquilo.

—O demônio a tem mantido viva durante todo esse tempo, Mara? Acho que não.

—Bastardo! — Ela sufocou, cuspindo água. —Você tentou me afogar.

—Se eu quisesse você morta, você estaria morta. — Ele disse calmamente. —Foi para provar um ponto. Sua luz branca apagou as chamas do forno. Deu-lhe força para se libertar ainda agora. Sua metade angelical é a sua protetora, Mara. É mais forte do que o seu demônio, se você lhe der uma chance.

Engolindo uma respiração instável, ela balançou a cabeça. Ele inclinou-se contra a borda, com o olhar muito firme.

—Você pode controlar o seu lado negro. Ele pode servir para um propósito.

—Você não pensa assim. Tudo o que você tem feito é apontar a maldade.

—Porque você está usando a força para o mal. Não para os outros aspectos mais agradáveis. — Ele se aproximou o suficiente para ela ver a escuridão rodando em seus olhos, gotas de água brilhando em seus longos cílios pretos. Lucien tocou seus lábios molhados com dedo. Ele traçou uma linha ao longo do delicioso lábio inferior.

—Paixão. A liberação da inibição... — Ele murmurou.

Mara ofegou, enquanto a mão dele submergia, ele encontrou a borda de seu biquíni. Deslizou para dentro do pequeno triângulo de tecido, acariciou com um dedo os seus cachos. A fenda entre as suas pernas, de repente, doía. O biquíni parecia muito apertado, muito restritivo.

—Aqui, em público? — Ela conseguiu sufocar.

—Você esquece os meus poderes. Ninguém pode nos ver. Eu lancei um encanto e posso fazer o que eu desejo. E o que eu quero é...

Habilmente, ele a puxou de cima para baixo. O ar frio tomou conta de seus mamilos arrepiados. Livres do pano restritivo, eles se sentiram dolorosamente sensíveis. Lucien espalmou seus seios, esfregando os dedos sobre os mamilos.

Lutando contra o prazer, Mara bateu sua cabeça ao redor. Sem suspiros chocados, sem protestos ávidos. Pessoas nadavam,

continuavam tomando sol como se Lucien estivesse lhe dando nada mais do que um beijo amigável no rosto.

Exceto dois homens magros e rijos, sentados em espreguiçadeiras. Em jeans e camisas de baseball, eles olhavam com ávido interesse. Narinas dilatadas, que farejavam o ar perfumado com a sua excitação. Um arrepio correu pela pele de seus braços, quando ela os reconheceu.

—Lucien, esses homens, eles são os lobisomens caçadores, os mesmos da rua. — Ela sussurrou. —Eles agem como se pudessem ver o que você está fazendo.

—Eles podem. — Ele esfregou círculos em seus mamilos, fazendo com que a carne entre suas pernas ficasse mais molhada e tensa. — Caçadores são impermeáveis ao meu encanto.

—Mas eles podem nos ver!

—Sim. E quanto mais eles virem, melhor eles vão entender que você é minha. Você está sob minha proteção, Mara, e nenhum maldito caçador ousará abordar você, enquanto eu estiver com você. Deixe-os ver.

Sua boca molhada encerrou num mamilo. Lucien passou um braço ao redor dela, ancorando-a nele. O contraste entre o ar frio e os seus lábios quentes enviava jatos de calor através dela. Ela fechou as mãos no seu cabelo úmido, mordendo um gemido.

Ele olhou para cima, com a intenção feroz brilhando em seu olhar.

—Vá em frente, Mara, grite. Ninguém vai ouvir você, só eles.

Lucien saiu da piscina e colocou-a para fora, com um braço. Ele arrancou a parte de baixo de seu biquíni, e içou-o fora, no deck. Ela se sentiu nua e vulnerável. Com um olhar duro de determinação, ele empurrou as suas coxas, abrindo-as. Ela protestou com um chiado.

—Eu disse a você, solte suas inibições. Relaxe, Mara. — Ele murmurou.

Com os dedos, ele espalhou as suas pernas, olhando para o núcleo molhado dela. Calor percorria suas veias, afastando para longe o medo.

—Você é tão linda aqui embaixo. Tão molhada para mim. Eu quero provar você, Mara, vai me deixar saborear você?

Um gemido escapou-lhe, enquanto ele esfregava um dedo sobre o seu clitóris latejante. Ela engoliu em seco. Acenou com a cabeça. Nada importava. As pessoas continuavam nadando languidamente, o sol quente queimando em cima deles, a luxuriante compreensão de estar nua e espalhada para ele.

Nada importava somente o homem que estava pronto para arrastar a língua sobre seu centro.

Um garçom de bermuda e com uma camisa tropical se aproximou. Mara endureceu, mas ele parecia alheio à sua nudez.

—Será que você gostaria de algo para comer ou beber? — Caneta e bloco na mão, o garçom se agachou com o campo de visão de um seio nu.

O divertimento dançou sobre o rosto de Lucien. Ele olhou para sua carne, molhada e rosa, acariciou delicadamente com o dedo como se considerando. Mara reprimiu um gemido.

—Eu já tenho algo delicioso para jantar. Mas eu vou tomar uma dose de tequila, limão e sal.

Lucien brincou e acariciou sua carne molhada, fazendo-a gemer. Quando a sua bebida chegou, Lucien esfregou sal sobre o mamilo. Os grânulos duros raspou-lhe a carne, fazendo subir o monte ansiosamente. Lentamente, sua língua lambia-o. Fez o mesmo com o outro mamilo, arrastando a língua sobre o sal, girando-a em longas e provocantes lambidas.

Seus quadris bombearam para cima em inominável querer. Ele tomou a tequila e regou-a acima da virilha.

Mara apertou as mãos e se arqueou para trás, o licor quente escorrendo sobre seu clitóris, escorrendo para baixo, pela sua fenda.

Quando Lucien passou a língua, ela jogou a cabeça para trás, o sol quente radiante em seu rosto e abriu a boca.

Inibições. Perdeu-as. Entregando-se a sensação, ela se soltou.

Quando ele pegou seu clitóris entre os dentes e mordeu suavemente, ela se arqueou para trás com um grito chocado. Ele lambeu mais forte, mais rápido, a pressão entre as pernas subindo mais e mais.

Choramingando seu nome, ela chegou ao clímax duro e rápido. Tremendo, ela engoliu em seco, os pulmões gritando por ar, enquanto ela se afogava de novo, desta vez inundada por uma onda de puro prazer. Lucien manteve lambendo-a, até que os tremores passaram.

Um brilho perverso acendeu seus olhos, quando ele olhou para cima e limpou a boca com as costas da mão. O limão ainda em sua mão. Ele deu-lhe uma lambida lenta, piscando para ela.

—Eu adoro tomar uma boa dose de Patron.

A veia em sua garganta pulou descontroladamente. Ela abriu os sentidos para ele e percebeu que seu coração batia forte. Desta vez, ele não estava frio e estava afetado.

O desejo girava em suas íris pretas. Afogando-se, ela sentiu o deslizar da última inibição se afastando, substituída por uma necessidade imperiosa. O espaço entre as pernas parecia vazio, doendo para tê-lo dentro dela. Juntos, plenamente.

Ele colocou o limão para baixo, o seu grande corpo tenso e esperando.

—Mara... — Disse ele com voz rouca. — No andar de cima!

Se ela fosse com ele, sua rendição seria completa. Mara hesitou.

Lucien estava de pé, puxando seu corpo nu contra o dele. O cume de sua ereção esfregando contra sua barriga. Seus olhos se estreitaram, brilhando com rígida determinação.

—Agora.

Capítulo 7

Em sua suíte, Lucien puxou-a para o quarto. Ele atirou suas roupas úmidas de lado e caminhou em sua direção. Seu corpo nu brilhava com as gotas d'água que escorriam nos pelos escuros de sua virilha e em sua ereção.

Mara olhou para baixo. Seu pênis tinha muitas veias, projetando-se de seu corpo. Ela tinha tomado seu primeiro amante quando tinha dezesseis anos, e o sexo tinha sido uma sessão apressada no banco traseiro de seu carro, doloroso e cheio de remorsos. Ela não tinha tomado outro homem em seu corpo, desde então.

Lucien não seria precipitado.

Seu beijo era um pincel de lábios molhados, enquanto ele cobria o seu rosto com suas mãos fortes. A umidade do seu corpo misturada com a dela, quando eles se tocavam, as gotas se unindo e riachos cascateavam em seu baixo ventre nu. Sua língua deslizou sobre os lábios, lambendo a umidade.

Ele guiou sua mão até seu pênis.

—Toque-me! — Ele exigiu.

Mara enrolou a mão em torno de sua ereção, mas as pontas dos seus dedos não se encontravam. Ele era enorme. Ela ficou mais úmida com o pensamento de toda a dureza deste macho empurrando profundamente dentro dela.

—Você me quer. — Sua voz profunda esfregou contra ela em um ronronar sedutor. Lucien pressionou contra os cachos úmidos no seu centro. —Aqui, profundamente dentro de você.

Não. Não. Não.

—Sim... — Ela exalava.

—Deixe-me entrar em você, Mara. Abra seu corpo para mim e deixe-me entrar. Eu não prometo nada, apenas prazer, doce e quente prazer.

Ele violava sua boca, língua e dentes, saqueando e reivindicando. Mara abriu mais a boca, sob sua persuasão. Lucien avidamente empurrou para dentro da caverna úmida de sua boca, imitando o que ele faria ao seu corpo.

Seus mamilos arrepiaram sob o impulso perverso de sua língua. Uma agonia da necessidade torcia com grande expectativa, quando ele deslizou as mãos sobre seu corpo nu, cobrindo os quadris. Quando ele a empurrou de volta para a cama, ainda a beijava e ela colocou os braços em volta do seu pescoço. Lucien segurou seu sexo, acariciando com um dedo em torno da borda de sua vagina. Em seguida, ele a abriu com os dedos e empurrou um dentro dela.

O prazer foi tão forte, ela se arqueou e gritou. Dentro e fora ele acariciava, o fogo lambia entre as suas pernas. Mara cavou seus calcanhares no colchão.

Segurando-se nele, ela tremeu quando ele brincou e acariciou na sua umidade, deslizando nela, por toda a sua fenda. Ele gentilmente esfregou seu clitóris, torcendo suspiros minúsculos de sua garganta. Mara abriu mais as pernas em um apelo silencioso. Lucien se afastou da borda molhada de sua boca.

—Sua boca é como o vinho mais doce. Sua pele... — Ele cheirou a longa coluna de garganta. —... tem gosto de pequenos frutos doces.

Um pequeno toque das presas beliscou em seu pescoço. Mara estremeceu, imaginando como seria a sensação dele afundando seus dentes nela.

Prove-me profundamente.

Seu núcleo sofreu um espasmo com a necessidade.

Lucien passou a língua na garganta dela, puxando para trás para olhar profundamente em seus olhos. Em seu olhar, viu seu próprio desejo espelhado.

—Como assim? — Ele murmurou. —Quer mais?

Mara concordou. As palavras haviam escapado de sua mente atordoada de prazer. Ele deu um sorriso malicioso e continuou a sua exploração.

Língua e os lábios trabalhavam sua magia perversa em sua pele, enquanto beijava sua barriga nua, lambia e recuava de seu umbigo. Um fogo selvagem brilhou através de suas veias, empurrando a escuridão muito fria, para baixo. Demônio e anjo dançaram com prazer a cada golpe escaldante. Em seguida, montou-a, seu corpo musculoso pesando em cima dela. Sustentando-se em suas mãos, ele a olhou ferozmente. Contra os seios, ela sentiu os pelos de seda de seu peito encostado nela, ouviu o rufar rápido do seu coração.

As emoções a enchiam. Ela enganchou as mãos em volta do pescoço dele, colocou seus pés em torno de seus quadris magros.

—Faça-me sua! — Ela gemeu.

Lucien deu um impulso experimental de seus quadris e deslizou para dentro. Ela suspirou, segurando-se ainda, acostumando-se à plenitude.

Ternura enchia seus olhos enquanto ele olhava para ela.

—Você está bem? — Ele perguntou com uma voz rouca.

Mara concordou, com as palavras escapando dela.

Ele empurrou o pênis dentro dela, duro e quente. Necessitava empurrar nela, ávido, como punhos gananciosos, quando ela ergueu os quadris, pedindo-lhe para ir em frente. Lucien angulou seus quadris, seu corpo deslizando sobre o dela, possuindo-a totalmente. Ela se sentia bêbada com o prazer quando os pelos de suas coxas rasparam contra seus membros.

O tormento delicioso continuou, enquanto ele acariciava dentro dela. Enquanto a língua de Lucien girava em sua boca, seu pênis duro bombeava dentro do seu corpo. Ela acariciou os músculos firmes de suas costas e brincou com os fios úmidos do seu cabelo.

A pressão doce construiu mais alto. Lucien deixou de beijá-la, angulando seus impulsos. Mara jogou a cabeça para trás, a boca ofegante. Quase lá. Quase.

A mão de Lucien se fechou no cabelo dela, forçando-a a olhar para ele.

—Meu nome em seus lábios, Mara! Diga meu nome quando você gozar! Deixe ir e se abra para mim!

Ela balançou a cabeça freneticamente para frente e para trás, quase chorando com a necessidade. Seu corpo não era mais dela, cantava e zumbia. Suas costas estavam tensas como uma corda, ela cavou seus calcanhares no colchão.

Vislumbrando a beira de um clímax, ela abriu todos os seus sentidos. A escuridão cantarolou, levantando-se para fazer passar com cada estremecimento de prazer.

Ela se abriu e a tensão disparou de seu núcleo, quebrando-a em um milhão de peças, algo escuro e delicioso estourou nela. Lucien atirou a cabeça para trás, gritou seu nome, enquanto ele empinou contra ela. A semente quente disparou dentro dela. Ele continuou bombeando dentro, até que seus músculos tremeram e ele caiu em cima de seu corpo tremendo.

Desossada com o prazer, Mara caiu para trás, engolindo várias respirações profundas. Seus pulmões gritando por ar, Lucien deitou a cabeça ao seu lado. Seus batimentos cardíacos gradualmente diminuíam, até que ambos bateram em uníssono. Ela ouviu, se perguntando se ele controlava isso.

Lucien ergueu a cabeça com um sonolento olhar adorável. Suor umedecia o seu cabelo escuro.

—Sim, eu acompanho o ritmo do seu coração com o meu.

O suor que umedecia os lençóis começou a esfriar. Ele saiu de cima dela e olhava com um olhar cauteloso. O espaço entre as suas pernas parecia maravilhosamente sensível, seus músculos doíam.

Ela se sentiu bem amada.

Amada?

Que tipo de sonho foi esse? Lucien não a amava. Ele não poderia amá-la. Ele não tinha sequer compartilhado uma pequena parte de si mesmo, enquanto ela se abria, dando-lhe tudo.

Tudo... Mara tateou os seus poderes demoníacos. Nada.

Seu olhar chicoteou, até vê-lo estudando-a com um olhar especulativo.

O entendimento atordoado empurrou o prazer lânguido que vibrava em suas veias.

—Você me seduziu. — Ela exalou.

Com o cabelo escuro despenteado, Lucien se apoiou em um cotovelo. Esplêndido em sua nudez, com os músculos perfeitos brilhando na luz.

—Eu avisei que você seria minha, Mara. — Um brilho perverso brilhava no seu olhar ônix. —Você não disse não. Se você tivesse discordado, eu teria parado.

—Eu preciso me proteger! Você estava lá no porão, quando Jones me bateu? Provocando-me, ele queria que eu pedisse por minha maldita vida. Tudo porque ele me condenava como perigosa, quando ele não me conhece. Você acha que o sexo com você vai me impedir de ir atrás de Jones?

Ela balançou as pernas na beirada da cama e tentou se levantar. A fraqueza disparou através de seus membros e ela caiu para trás.

—Não foi apenas sexo, Mara. — Disse ele calmamente. —Eu enfraqueci o seu demônio.

Sentando-se, estendeu os dedos longos. Uma negritude, como uma tinta negra, dançava nas pontas. Lucien considerava as mãos com um olhar solene. Então ele inspirou profundamente e as trevas foram aspiradas em sua boca.

Por um segundo terrível, seus olhos brilharam carmesim. Mau. *É isso que eu pareço?*

Então ele fechou suas mãos, soprou uniformemente e seus olhos voltaram à cor normal.

Mara tomou uma respiração profunda, atingindo a sua fonte de força. Ainda havia, mas esmaecida, como se diminuída em força. Não era de admirar que ela se sentisse tão apática.

—Como?

—Quando você chega ao clímax, seu demônio sobe à superfície. Puxei esta parte para dentro de mim.

A dor era tão penetrante, que ela mal podia respirar. Fizeram amor e ele se aproveitou dela. Deliberadamente. Ele avisou que isso iria acontecer, mas ela estava tão empenhada no prazer, que havia esquecido.

—Você pegou meus poderes. Eu mal consigo me mover. Lucien, você não tinha o direito.

Tristeza cintilou em seu olhar.

—Eu não vou permitir que os caçadores a destruam, Mara. Era a única opção. Você ainda não aprendeu a controlar sua escuridão.

—Há sempre outra maneira. — Ela rangeu os dentes e ficou em pé, balançando sobre as duas pernas. Forçando um pé em frente do outro.

Ela quase não conseguiu entrar no banheiro.

Náuseas enrolaram em seu estômago. Mara encostou-se a pia e puxou várias respirações profundas, obrigando-a para baixo. Levantando o olhar para o espelho, ela olhou para seus lábios inchados pelos beijos. O desejo a havia mordido, duro e rápido. O vampiro era um amante maravilhoso, mas perigoso.

Como ela poderia alguma vez arriscar ter sexo com ele de novo, sabendo que da próxima vez ele poderia drená-la?

Ela descansou a maior parte da tarde. Quando finalmente acordou, sentindo-se tonta e ainda enfraquecida, Mara entrou na sala de estar. Petra estava pendurada de cabeça para baixo, na luminária de teto. Lucien estava lendo e olhou para cima.

Com a sua expressão rebelde, ele suspirou.

—Eu esperava que um descanso pudesse reviver você.

—Ele fez. Apenas o suficiente para eu ter força para andar o inferno fora daqui. Com caçadores ou não, eu vou embora.

Petra deu-lhe um olhar arqueado, enquanto balançava em sua vara.

—Boa ideia. Eu gostaria que você se fosse, Darklighter. Algo está procurando por você, algo que anda com quatro pernas e gosta de comer Alpo. Eu não gosto de quatro pernas. Ter você por perto significa que eles podem me cheirar também.

—Nada vai chegar até você ou à Mara. — Lucien apontou um dedo para a porta. —Eu já alertei os caçadores sobre tocá-la. E enquanto você se abstiver de petiscar mortais durante o dia, você vai ficar bem, Petra.

Um arroto alto balbuciava a partir do demônio. Lucien estreitou os olhos.

—Petra? Você foi comer em público novamente?

O rosto verde hortelã do demônio ficou rosa. Ela pulou para o chão.

—Bem, talvez apenas uma vez. Ou duas vezes. Eu conheci esse cara da Índia durante as compras e você sabe como eu adoro curry...

O horror apareceu no rosto de Lucien, fazendo Mara ter medo.

—Você o comeu?

—Claro que não. Eu só peguei um pouco de sangue.

A mesa de vidro quebrou em milhares de cacos que Lucien chutou com seus pés.

—Nós estamos saindo.

Mara lutou com o pânico. O que faria este poderoso Ancient ter tanto medo?

Enquanto ele berrava ordens para Petra sair da sala, Mara entendeu. Lucien não temia por si, mas pelo demônio.

Petra correu de volta para dentro.

—Lucien, não tem comedores de Alpo vindo pelo corredor.

Ele jurou, passando a mão pelos cabelos, despenteando os cachos elegantes.

—Nós vamos sair através de seu quarto, Petra. Pegue as escadas. Se houver mais, eles podem facilmente prendê-la no elevador. Vamos para o aeroporto.

—Aeroporto? — Alarme a encheu.

—Voltaremos para minha casa, em Michigan. É isolado e seguro lá.

—Eu não posso sair da cidade!

—Eu não tenho tempo para discutir. Eles estarão aqui em um minuto para tomar Petra. Petra, saia pela varanda, é mais rápido que pelas escadas.

—Estamos dezessete andares acima. O que você vai fazer? Voar? — Mara olhou para o demônio.

—Duh, é claro. — Disse Petra, revirando os olhos. —É Miami. Eles estão acostumados a ver coisas malucas.

Lucien usou seus poderes para trancar a porta atrás deles.

Capítulo 8

Cada instinto gritava dentro de Mara para lutar, não fugir. Ela nunca se livraria de Jones, até que ele estivesse morto. E Jones estava aqui, em Miami. Ela tinha que ficar aqui.

Mas quando ouviu vozes na porta ao lado e o som de móveis sendo derrubados, um arrepio desceu por sua espinha.

—Fique atrás. — Lucien advertiu.

Disparando para fora de seus dedos, ele dirigiu uma rajada de luz através das paredes de sua suíte. Dois altos uivos de raiva o seguiram.

—Eles estão presos, mas apenas por alguns minutos. Eu posso desmaterializar, mas não posso levá-la comigo durante o dia. Meus poderes ficam muito enfraquecidos pelo sol. — Lucien arrastou-a para o corredor em direção à saída de incêndio, enquanto Petra ia para a varanda.

—Dezessete andares? — Mara sussurrou.

—Canalize seu demônio interior para trabalhar.

Quando chegaram embaixo e explodiram para fora, na rua, seus músculos gritaram em protesto. Os joelhos de Mara fraquejaram. Ela afundou contra a parede, seus pulmões berrando com respirações afiadas.

—Onde está Petra? — Perguntou ela.

A preocupação revestia a testa de Lucien. Ele parecia alcançar os seus poderes.

—Maldição. Petra voltou para o quarto para pará-los. Ela quer nos dar tempo.

Mara olhou para cima e recuou em estado de choque. Uma aura de luz branca pulsava em torno do corpo tenso de Lucien. A sua metade angelical reagiu, alcançando-o ansiosamente, entrelaçou com a energia branca, até que os tentáculos de suas luzes misturadas giravam em torno de ambos.

Sua preocupação era com Petra, ela percebeu. Lucien se preocupava profundamente com o pequeno demônio.

—Eu não posso deixar você aqui sozinha. É muito perigoso, eu não quero vê-la ferida.

A luz branca pulsava forte em torno dele. Mara sentia temor e estava repleta de novos sentimentos por este poderoso vampiro. Lucien estava determinado a salvá-la. As pessoas costumavam jogá-la sob o ônibus. Até mesmo suas irmãs haviam se afastado. Mas esse vampiro estava lentamente ficando sob a sua pele com seu protecionismo feroz.

Mara pensou que era loucura a corajosa Petra enfrentar os lobisomens caçadores.

—Por que eles estão atrás dela?

—Ela violou as regras. Petra é proibida de tomar sangue humano.

—Mas demônios comem carne.

—Petra não é verdadeiramente um demônio. — Ele jurou. —Eu não vou deixá-los chegar até ela.

—E eu não posso subir as escadas. Vá, Lucien. Eu vou ficar aqui.

—Eu estarei de volta imediatamente. Fique aqui nas sombras e não se mova.

O toque rápido dos seus lábios enviou seu sangue cantando em suas veias. Ele se desmaterializou.

Ninguém jamais a tinha feito se sentir dessa maneira louca antes. Ele era letal e ainda suave. Ela ansiava por cair em seus braços, ficar lá e se sentir segura. Mas ela sabia que nenhum lugar era seguro.

Mara apertou suas mãos.

—Por quê? — Ela sussurrou. —Por que você destruiu minha vida, Jones? Eu nunca o magoei, nunca fiz nada de ruim para ninguém.

A força voltou, derramando em seus membros amolecidos. A raiva emprestou isso a ela, quando se empurrou para longe da parede e se levantou. A escuridão dentro dela era ofuscante e, de repente, explodiu em pleno poder, como um jato sendo ligado.

Lutando para segurar as suas emoções, Mara pensou rapidamente. Eles precisavam de um táxi para o aeroporto. Ela saiu para a rua principal para persuadir um taxi em sua direção.

Um puxou para o meio-fio. O motorista usava um chapéu de malha irregular com as cores da bandeira jamaicana. Mara pegou um cheiro familiar no puxador da porta traseira. Jones. Ele tinha usado este táxi, tinha estado aqui. Ela devia encontrá-lo.

Uma névoa vermelha de fúria embaçou sua mente, obstruindo todo pensamento racional.

A porta de saída de incêndio se abriu. Alguém gritou seu nome.

Ela se atrapalhou com a maçaneta da porta de trás do táxi e abriu-a.

Mesmo quando ela deslizou para dentro e fechou à porta, ela sabia. O cheiro irresistível do mal encobria a sua mente. Em pânico, ela procurou a porta. Não tinha maçaneta.

O motorista virou, derrubando o boné e exibindo um sorriso familiar com falha dentária. Jones.

—Bem vinda, demônio. Não há necessidade de indicar o destino. Você vai direto para o inferno.

Lucien praguejou enquanto o táxi fugia.

Ele bateu em conjunto os crânios dos caçadores, deixando-os inconscientes, mas agora Mara estava presa.

—Vá direto para o aeroporto! — Ele gritou para Petra. —Eu encontro você lá.

Com o coração martelando no peito, correu pela calçada, acompanhando o táxi. O olhar aterrorizado de Mara estava estampado em seu cérebro, enquanto os dedos raspavam na janela como um animal encurralado.

Se Jones colocasse um dedo sobre ela... As presas explodiram na boca de Lucien.

Com as pernas batendo rápido no concreto, ele passou pelos transeuntes assustados, que pareciam confusos, com o deslocamento de ar que parecia um mini tornado. Embora o sol diminuísse os seus

poderes, ele manteve a velocidade lendária. Lucien correu para a rua, costurou em torno dos veículos até que avistou um táxi rosa parado no sinal vermelho.

O motorista estava caído para trás, gritando, enquanto um redemoinho de massa cinzenta atacou. O medo fez os batimentos cardíacos de Lucien dispararem.

Ele se materializou ao lado do táxi.

A porta escancarou com um protesto estridente de metal. Ele agarrou Mara em torno da cintura, mantendo um encanto.

Jones tocou a bochecha molhada, avermelhada.

—Olá, Lucien, prazer em vê-lo novamente. Ela está morta agora. Os caçadores vão agarrá-la e machucá-la muito, agora que ela me atacou.

—Se você a machucou, eu mesmo vou rasgar a sua garganta! — Disse Lucien firmemente.

Jones riu, batendo no peito.

—Não pode tocar em mim. — Ele cantou, zombando. —Você conhece as regras.

—Saia daqui. — Lucien usou seus poderes para pressionar o pedal do acelerador. Assustado, Jones gritou e lutou com o volante, enquanto o táxi fugia.

Ele puxou Mara para a calçada. Franzindo o nariz com o cheiro sulfúrico do demônio, ele a segurou firme. Ela gritou. Na calçada, Lucien a puxou com força contra ele. Sua pele estava cinza, gelada, seus olhos cor de âmbar mudaram para vermelho sangue. Sua força o surpreendeu. Ele passou os braços em torno dela.

Ele começou a balançá-la, usando o toque de acalmar e relaxar.

—Shh, Mara. Está tudo bem. Está tudo bem. Você não tem nada a temer. Eu vou fazer questão de ter certeza que ele nunca vá pôr as mãos em você novamente. Eu vou cortá-lo em pedaços, se ele se atrever a tocar em você.

Cantando, ele usou sua voz hipnótica para tirar a sua fúria fria. Aos poucos ela parou de lutar. O azul voltou para os seus olhos e sua

pele ficou pálida, suas unhas retornaram ao tamanho normal, extremidades aparadas. A aura fria e escura que rodava em torno dela desapareceu.

Mara cedeu contra ele, seus olhos se fechando. Seu coração disparado. Lucien olhou para a mulher em seus braços, seu lado angelical afugentou o demônio que rosnava.

Ele percebeu que poderia salvá-la.

Talvez a salvando, ele mesmo pudesse se salvar.

Embalando-a em seus braços, ele traçou seus lábios úmidos e vermelhos com um dedo indicador. Os olhos de Mara se abriram novamente. A luz pegou as manchas de azul, expulsando o demônio vermelho, completamente.

—Lucien? Perdi-o novamente. Petra está bem? Por favor, me diga que ela não está machucada.

—Ela está bem. Cheguei a eles antes que eles pusessem as patas sobre ela. — *E rachei seus crânios*, pensou sombriamente. Os caçadores acordariam com dores de cabeça e nova determinação.

—Ótimo. Você se preocupa com o que acontece com ela, eu posso dizer. É bom. — A voz dela diminuiu. —Eu gostaria que alguém sentisse o mesmo sobre mim. Ninguém o fez, já que meus pais morreram.

A simples declaração sacudiu-o em seu núcleo. Ele a segurou com mais força. *Eu poderia me importar.*

Ele não queria.

Ela parecia abalada, a preocupação vincando a sua testa.

—Eu não machuquei você, não é? Eu não quero machucá-lo.

—Você não me machucou. — Ele assegurou a ela.

—Ótimo. Eu não quero que você se machuque, Lucien. — Mara tocou seu rosto.

A carícia era um afago morno, aveludado. Emoções percorriam por ele. Ninguém havia se preocupado com ele nos últimos anos. Mesmo Petra, sua companheira mais próxima, tomou o seu bem-estar como certo. O calor nos olhos de Mara o desfez, assim como a sua boca

rosada. Era uma promessa do doce sabor do céu, uma chance de redimir sua alma amaldiçoada. Ela cheirava a pêssegos frescos.

Deu vontade de provar, ele pegou seu rosto com as mãos e deu um beijo suave em seus lábios rosados entreabertos.

Lucien se manteve beijando-a, necessitando e desejando esta conexão. Ele secou sua raiva, seus medos, substituindo-os por sua calma e gelado controle. Durante todo o tempo seu próprio controle escorregava.

Quando eles finalmente se separaram, Mara olhou lânguida e flexível.

—Agora, onde? — Ela perguntou, olhando como uma mulher pronta para o amor.

Lucien rangeu os dentes. Ela não ia gostar disso, mas tinha pouca escolha.

—E agora, você dorme.

Ele passou a mão sobre o seu rosto, pegando-a, quando ela caiu na inconsciência.

Capítulo 9

A entrada pavimentada se assemelhava a uma pequena estrada, pois se dirigia através do campo e da floresta. Hectares de pinheiros e carvalhos, colinas suaves cercaram a casa de tijolos vermelhos. O céu cinzento estava sombrio e o isolamento fez Mara, nascida e criada na cidade, enjoada. Era um lar perfeito para um vampiro que queria esconder-se.

Muito afastado, para ela.

Perto da casa havia uma garagem individual, grande o suficiente para abrigar um iate. Mara estudou os ângulos, vendo as possibilidades. Vendo um lugar para se esconder de Lucien, enquanto ela planejava a sua fuga. Ela guardava este pensamento, sabendo que ele podia ler sua mente.

—É privado. — Disse Lucien. —No caso de você estar se perguntando.

—O pequeno bordel onde você seduz todas as suas amantes?

Seu olhar escuro era constante.

—É o santuário de Petra. Ela e eu temos a única chave, caso você ache que a garagem é um bom lugar para fugir de mim.

Sua boca se abriu e fechou, como um peixe. Tinha que proteger seus pensamentos. Lucien suavemente inclinou a cabeça erguida, com diversão em seu rosto.

—Entre. — Ele disse para ela, abrindo a porta. —Depressa, a noite está caindo.

Sua casa era tranquila, repleta de mobiliário luxuoso e de antiguidades. Enquanto o jantar estava sendo preparado, ela passeou pelo quarto de hóspedes. Mas a cama de dossel e mobiliário elegante não a impressionou.

Deixá-la sair iria impressionar profundamente.

Desde que acordou, para se encontrar dentro de uma limusine, ela tentou reprimir suas emoções...

Sexo com este vampiro havia deixado os seus sentimentos vulneráveis. Acasalar com ele novamente iria sugar mais da sua força. Era perigoso demais. Lucien com seus olhos escuros e mãos perversas, poderia transformá-la em uma sombra de si mesma, fazendo-a vulnerável para ataques futuros. Isso significava que ela tinha de resistir à atração selvagem que seu demônio sentia por Lucien, e lutar contra o desejo de seu anjo de vincular com ele.

O armário continha roupas elegantes, todas no seu tamanho, mas preferiu uma camiseta larga e calça de moletom com o logotipo da UM. Lucien tinha se preparado para ela. Mara vestiu a roupa macia, puxou o cabelo para trás num rabo de cavalo descuidado e olhou para seu rosto no espelho da cômoda.

Se o vampiro culto ficasse excitado com moletom, ela estaria em apuros. Ostentando um sorriso, ela saltou as escadas.

Mara entrou na sala de luxo. Esparramado no sofá de couro, Lucien estudava o crepitar das chamas na lareira. Um copo de líquido vermelho pendia de seus dedos magros.

A respiração fugiu quando ela percebeu que ele usava apenas a parte de baixo de um pijama de seda vermelho vivo. A luz da lareira brilhava em seu peito duro.

Lucien olhou para cima com um sorriso lento, sexy.

Ignorá-lo ia levar um inferno de um monte de controle.

—Boa noite, Mara. Por favor, sente-se.

Quando ela foi para a cadeira, ele arqueou uma sobrancelha.

—No sofá. Eu não vou morder.

Reunindo sua determinação, ela se enrolou sobre o couro. Em seguida, ele acrescentou:

— Ainda.

Mara enfiou suas pernas debaixo dela.

—Cuidado com quem você morde Lucien. Eu tenho sangue de meu pai em mim e tenho certeza que o gosto é como o fogo derretido. Ou vinho ruim.

—O gosto é sempre uma decisão individual. Mas, falando de vinho, vai partilhar um copo comigo? — Ele tomou um gole. —É bastante requintado. Como você, rico e raro.

Calor alagou entre as suas pernas. *Pare com isso.*

—Tem uma cerveja? Cerveja barata?

Ah...! Seu gosto plebeu deve desligá-lo.

Seu sorriso se alargou. Lucien acenou com a mão, e o minibar atrás do balcão de madeira se abriu. Uma garrafa marrom flutuou até as suas mãos.

—Petra gosta disso. Ela prefere quente, mas eu mantenho algumas garrafas geladas, apenas no caso que ela mude de ideia.

Caramba. Mara abriu a garrafa com os dentes, tomou um gole longo e arrotou. Lucien olhou-a sobre o copo.

—Se você está tentando diluir o meu interesse, Mara, não está funcionando. A camiseta só me faz ter fome para ver o que se encontra embaixo. O gosto de cerveja em sua língua faz-me ter vontade de beijá-la, e afundar a minha língua em sua boca. O cabelo fortemente amarrado me faz imaginar como eu devo soltá-lo, correr meus dedos por eles, enquanto eu tomo sua boca.

Seu corpo inteiro fechou com a necessidade.

Lucien inclinou-se para ela, seu olhar tinha uma intenção feroz.

—E quando eu tomar o seu corpo novamente, não haverá nada entre nós, apenas a carne e a ligação que vamos criar.

Mara cerrou os dentes, baixando a garrafa.

—Sexo é sexo, Lucien. Você não pode me acasalar. Existe um monstro lá fora que vai machucar os outros, e eu estou condenada de qualquer maneira. Eu vou matar Jones. Ele merece morrer.

—Mas você merece viver.

Ela passou a responder quando viu o tormento que nublava o seu olhar. A visão a encheu.

—Por que você está determinado a me salvar, Lucien?

—Você me faz lembrar... de alguém. O fogo que eu vejo dentro de você, a força e a doçura.

—Quem?

Seu olhar ficou distante.

—Alguém que eu queria salvar. E falhei.

A luz branca inundou-a com a necessidade de confortar. A visão bateu nela.

—Foi outra Darklighter.

Julgando como os seus olhos se arregalaram, ela tinha acertado em cheio.

—O que aconteceu, Lucien?

Um silêncio frio encheu o ar. Sua mandíbula se transformou em pedra, enquanto olhava para a chuva escorrendo pela janela. A tempestade estava se formando. Ela sentiu que a tempestade interna seria muito mais brutal.

—Ela era uma missão. — Ele disse finalmente. —Eu tinha que destruí-la.

—Como eu.

Ele deu um olhar de soslaio.

—Não. Esta Darklighter já tinha perdido sua inocência e se virou para o mal. Como, então, fui informado.

Arrepios gelados passaram pela sua espinha.

—Você a matou.

Mais silêncio. Ela podia sentir que o vampiro estava sofrendo profundamente. Ele tinha sido forçado a terminar uma vida, e sofreu muito com isso. Ao contrário do verdadeiro mal, ele não tinha prazer em magoar os outros.

Mara deslizou pelo sofá. Pela primeira vez ela iria prestar atenção a sua metade angelical e seguir o seu coração.

—Você nunca se esqueceu dela. — Ela pegou a mão dele, querendo proporcionar conforto.

—Ela era especial para mim... — ele sussurrou.

Lucien abaixou a sua taça de vinho. Sua mão estava gelada, e ela a esfregou entre as palmas das mãos, aquecendo-a.

—Ela não tinha virado para o mal. Descobri depois, que eu tinha sido enganado. A Sociedade tinha contratado um especialista para expulsar os seres do mal. Ele mentiu sobre os crimes que ela tinha cometido. Quando eu descobri, eu queria destruí-lo eu mesmo, mas não consegui. A Sociedade tinha jurado proteção a ele e qualquer paranormal que quisesse machucá-lo seria severamente punido. Eles o baniram, mas já era tarde demais para a Darklighter.

Ele parecia tão distante, os olhos como vidro quebrado. O coração de Mara se torceu.

—Você não pode consertar o passado. Percebi isso quando meus pais foram assassinados. Eu não sou o tipo de mulher que se refugia no passado. Tudo o que você pode fazer é continuar, e continuar vivendo. Porque há muito mais na vida. Você sabe disso. Você fez isso por muito mais tempo do que eu.

Sua expressão descongelou um pouco quando ele olhou-a com uma expressão de desejo. Lucien precisava dela.

Ela pegou sua mão, agarrou um de seus longos dedos e lambeu lentamente.

—Assim, muito mais... para provar.

Lucien gemeu quando ela chupou o seu dedo.

—O jantar vai esfriar. Você deve comer.

—Eu não estou com tanta fome... — Disse ela, observando sua mandíbula apertar. Mara tocou a sua boca, correndo um dedo molhado sobre a firmeza. Um novo poder passou dentro dela, o poder feminino de fazer um homem suar. —Pelo menos não por alimento.

Seu corpo cresceu, enquanto ela continuava a tensa provocação.

—Não me empurre Mara. Se você concordar em ficar comigo novamente, será diferente desta vez. Não haverá como voltar atrás.

As palavras soaram sinistras, mas ainda se sentia intrigada. Mara se empolgou com o desafio.

—Parece perigoso.

De repente ele agarrou seu dedo. Excitação percorreu-a quando ele mordeu levemente, então girou sua língua no dedo preso entre seus dentes.

—Sou muito perigoso, mais do que você possa saber.

—E como eu disse, não sou do tipo de garota que volta atrás.

O desejo em seus olhos escuros e convincentes a emocionou. Seus cachos escuros estavam despenteados e uma barba sombreava sua mandíbula tensa. Ele era alto, forte e musculoso. Ele correu o olhar sobre ela como se ela fosse uma corça e ele um lobo faminto.

Quando ele a jogou sobre um ombro, ela gritou um protesto. Lucien deu-lhe uma leve palmada no traseiro e correu para cima com ela.

Ele a deixou, sem a menor cerimônia, em sua cama e livrou-a de suas roupas.

Em seguida, Lucien se despiu. Seu olhar fascinado rastreava todos os seus músculos salientes, cada membro esculpido, os nítidos cachos escuros, afinando-se para uma linha fina em seu torso plano, até cair no mais espesso ninho em sua virilha.

Uma mecha de cabelo rebelde pendurava sobre a sua testa enquanto ele a olhava em silêncio. Ela sentiu um impulso de agarrá-lo de volta, olhando em seus olhos.

Eles estavam brilhando com desejo? Ou especulação?

De repente, não queria saber. Ela só queria afundar completamente no sonho de ser apreciada e amada por este homem. Deixá-lo acariciá-la e levá-la.

Tudo aconteceu em uma névoa de prazer. Lucien tocou-a, acariciando seu bumbum nu. Sussurrando palavras de paixão, exortando-a a unir-se a ele. Sua língua arrastando lentamente ao longo de sua carne trêmula. Um aperto de presa quando ele a beijou.

Chegando entre as suas pernas, ele acariciou lentamente, persuadindo mais a umidade do seu corpo excitado. Ela gritou em um choque de prazer.

Ele pairava sobre ela, seu corpo grande pressionando-a contra o colchão macio. Sua ereção cutucou suas dobras escorregadias. Um soluço escapou, mas desta vez ela se abriu completamente para ele.

De repente, ele a virou sob seu estômago. Intrigada, ela olhou para cima para vê-lo pegar um tubo. Travessura dançava em seu olhar.

O óleo de amora perfumado foi aquecido sob seus dedos experientes. Ele massageou profundamente em seus músculos, fazendo uma pausa para passar sua língua sobre o local que ele acariciava. Mara descansou a cabeça em seus braços, gemendo enquanto ele trabalhava sua mágica com as mãos.

Lucien separou as suas nádegas, deslizou um dedo oleado ao longo da fissura tensa. Seus golpes eram leves e provocantes quando ele espalhou a maciez sobre seu clitóris. Ela sentia-se escorrendo de desejo, doía com a necessidade, e arqueou as costas em um apelo silencioso por mais.

—Agora você está pronta para me levar. — Ele murmurou com satisfação.

Ele a puxou para mais perto, ainda de quatro, e agarrou os seus quadris. Ela sentiu a dureza do seu eixo grosso cutucar as suas dobras macias. Lucien deslizou seu pênis ao longo de sua fenda encharcada, com movimentos longos, provocando. Sua vagina apertava em uma agonia de necessidade. *Encha-me*, ela implorou silenciosamente.

Então ele puxou de volta e encontrou sua abertura. Empurrou dentro dela e levou-a, duro e rápido. Uma mão deslizou em torno de sua frente, provocando o seu clitóris.

Mara arqueou e gritou quando a tensão explodiu dentro dela. Ele se juntou a ela, ejaculando no fundo, com um grito rouco de seu nome. Quando seu corpo finalmente acalmou, ela o sentiu pairar por trás dela, poderoso, forte, perigoso.

—Você é minha, Mara. Para sempre. — Ele sussurrou, acariciando o seu pescoço com a boca molhada.

E então ele mordeu.

A dor se rendeu ao êxtase, quando ele perfurou a pele com seus dentes afiados. Lucien bebeu profundamente dela, cada puxar era como uma lambida de fogo entre as suas pernas. Mara levantou-se, mas ele passou dois braços de aço em volta dela, segurando-a rapidamente. Outro orgasmo estremeceu através dela.

Ele parou de beber, deu uma lambida lenta na ferida, de forma sensual. Tremendo, ela ficou deitada na cama, ainda sentindo as ondas de choque de seu clímax.

Uma picada leve era a única lembrança de seus dentes em sua pele. Mas no fundo, ela sentiu o demônio dar um último grito, protestando, e a luz branca gritou também. Então, ambos, escuridão e luz, ficaram quietos, deixando-a oca e vazia.

Capítulo 10

Ele tinha tomado seu sangue. A languidez deliciosa desapareceu substituída pelo puro pânico. Mara sentia as forças sumindo dentro dela como se alguém tivesse desarrolhado o seu vinho. Ela se sentou, lutando contra a fraqueza repentina.

Lucien apertou-a de volta no colchão.

—Suavemente. — Ele acalmou. —Você vai estar um pouco tonta por um tempo, isso vai passar.

—Você bebeu o meu sangue. Você me secou!

—Eu avisei que não haveria volta. Seu sangue está dentro de mim agora e eu posso acompanhar você a qualquer lugar. Foi necessário, depois do que aconteceu em Miami. Eu não vou arriscar a sua vida.

—E se alguém vier atrás de mim? Como diabos eu vou me defender?

—Eu vou protegê-la.

Mara respirou fundo ofegante.

—Se eu fosse tão malditamente perigosa, por que eu iria desistir de tudo para conseguir um emprego à noite e trabalhar o meu caminho através da escola? Eu só queria ser normal. Diga-me algo, Lucien, a Sociedade tinha alguma razão para ir atrás de mim, antes que Jones me levasse? Eu fiz alguma coisa para justificar o seu interesse?

Ele ficou em silêncio, procurando seu rosto.

—Ah, doce Mara, não é tudo preto e branco. A Sociedade não poupa ninguém que considere perigoso. Somente os seres humanos são excluídos da sua patrulha. Era só uma questão de tempo, antes que eles decidissem concentrar-se em você. Todos esses anos, eles observaram e esperaram.

—Eu não lhes dei razão para o seu escrutínio!

—Você é uma Darklighter. No momento em que você nasceu de um cruzamento ilegal, condenaram você a estar em sua lista de questionáveis. — A mandíbula de Lucien tornou-se tensa. —Eles têm feito isso, desde que outra mestiça levou-os a questionar as suas políticas.

Ela foi caçada sem justa causa. O pensamento a deixou em pânico.

—E agora você me enfraqueceu e deixou-me impotente para tornar-me a sua presa? Perdoe-me se eu não agradeço.

—Eu drenei parte de sua escuridão destrutiva. É para você aproveitar o poder para o bem. — Seu olhar suavizou. —Deixe de lado sua raiva, Mara. Você deve entregar sua sede de justiça e deixar Jones às autoridades humanas.

—Isso não é justo! Como posso esquecer o que ele fez?

O tormento sombreava o seu rosto.

—Você deve, para encontrar a paz dentro de si mesma. Para encontrar o equilíbrio. Use a luz branca dentro de você para tirar a força da escuridão. Sozinha, cada uma vai sempre lutar pelo controle. Misturá-las juntas lhe dá o poder supremo e vai permitir-lhe a paz que você procura.

—E como vou fazer isso? Existe um guia? —Ela sentiu-se a beira das lágrimas.

—Você saberá quando for à hora certa. Quando você tomar uma decisão que não for baseada em raiva ou qualquer emoção negativa, mas porque é a escolha certa.

Parecia fácil, agradável e sensato. Ela não estava se sentindo sensível no momento.

Embaixo dele, ela estava nua e indefesa. Uma gota de sangue escorria pelo seu pescoço, descendo para o seu peito nu.

Rastreando seu olhar, ela viu seus olhos se arregalarem com a luxúria.

Mara endureceu seu coração.

—Você está certo, Lucien. Claro. Eu tenho sorte por ter esse Ancient poderoso para proteger-me, que quer acasalar comigo. — Sua voz tornou-se um ronronar sedutor. —Beije-me.

Quando ele inclinou a cabeça para baixo, ela empinou. Mas ela perdeu, com a cabeça batendo em seu cabelo em vez de seu crânio.

Esses malditos reflexos vampiros, ela pensou, resmungando.

Lucien se afastou dela, vendo-a como uma predadora quando ele a deitou de costas e a prendeu com as mãos acima da cabeça. Mara flexionou as mãos, desejando que suas garras surgissem. Nada.

Nem mesmo a luz branca pulsava dentro dela.

—Seus poderes vão voltar. — Com toda sua graça letal, ele deslizou para fora da cama. —Você precisa de alimentos, energia. Vou esquentar o seu jantar.

Os globos duplos de seu bumbum nu desapareceram debaixo de um robe de seda. Mara observava, o espaço entre as suas pernas molhou, querendo tudo de novo. Enterrando o rosto em suas mãos, ela tentou pensar em uma solução.

Ela odiava isso, sentir-se desamparada. Presa.

Nada a fazer senão esperar, e fugir na primeira oportunidade, quando sua força voltasse.

Capítulo 11

No dia seguinte, espessas nuvens perseguiam através de um céu cinzento, quando Mara se enrolou na poltrona estofada na biblioteca com um romance de horror lúgubre.

O livro se adaptava ao seu humor.

Um cheiro familiar de perfume amadeirado brincou com as suas narinas. Mara olhou para cima para ver Lucien na porta. Vestido com um suéter de cashmere preto e calças de lã preta, ele parecia urbano como sempre. Só que desta vez ele parecia cansado e gasto. Havia linhas de expressão na sua boca e sombras roxas sob seus olhos.

Ele parecia não ter dormido. Não, desde que ela saiu de sua cama e se trancou em um dos quartos de hóspedes. Ela colocou o livro para baixo e deu-lhe um olhar aguçado.

—Checando-me?

—O almoço está pronto lá embaixo. — Ele sentou na poltrona gêmea, os pés firmemente plantados no chão de madeira polida. —Seus poderes devem retornar ao anoitecer. Entretanto, você deve comer para recuperar sua força.

—Então você pode me usar como seu banco de sangue privado de novo? Não, obrigada. Prefiro morrer de fome.

—Você deve comer Mara.

Ignorando seu estômago resmungando, ela encolheu os ombros. Desejava estar em qualquer lugar, menos ali. Desejava ser qualquer coisa, mas não quem ela era. Ninguém confiava nela. Acreditava nela.

Tudo o que tenho sou eu mesma.

Mara tentou ignorar o caroço subindo na garganta. Ela teve relações sexuais com este homem, deixou-o entrar em seu corpo e em sua alma. E ainda assim, ela sentia que ele escondia algo dentro de si, que não compartilhava plenamente com ela.

Ele falou de equilíbrio, enquanto no emocional a balança se inclinou firmemente em seu favor.

Lucien foi até a janela, levantou a cortina de renda com as costas da mão.

—Às vezes, o inverno chega cedo aqui. Não é incomum ter uma nevasca súbita.

—Maravilhoso. Frio e desagradável. E você me arrastou para fora da ensolarada Miami para isso?

—É o meu mundo, Mara, um mundo longe dos perigos do seu.

—O seu mundo me assusta, Lucien. Como você vive aqui, sozinho, exceto por aquele feixe verde de hormônios adolescentes que você chama de um demônio? É tão solitário aqui, tão silencioso. — Ela estremeceu.

—Às vezes é melhor se retirar do mundo por algum tempo.

—Talvez você goste de isolamento, mas eu não. Eu preciso de pessoas ao meu redor, eu preciso da agitação da cidade, o calor das pessoas que me cercam. — Ela respirou fundo, lutando com o seu temperamento subindo. —Eu quero ir para casa, Lucien. Por favor, me deixe ir! Não há mais nada para mim aqui.

Não com você parado aí como uma estátua de mármore frio. Como poderia um homem tão apaixonado na cama se tornar tão distante?

A pulsação do silêncio desceu. Mara viu seus ombros rígidos. Estava cheia de culpa, mas ela a empurrou de lado.

—Você quer me deixar... — Ele falou por cima do ombro, com a voz firme.

As emoções davam um nó no seu estômago. Mara lutava por uma resposta quando ele se virou. Expressão de Lucien estava em branco, seus sentimentos firmemente sob controle. Um vampiro tão frio quanto o ar roçando o vidro gelado. Um vampiro que guardava o seu coração, nunca permitindo que ela entrasse nele. Ele tinha encapsulado suas emoções e arrancado com seus poderes. Alto e forte, ele parecia tão

elegante e requintado como o mobiliário. Mara decidiu jogar. Ela respirou fundo.

—Eu não vou ficar com alguém que não pode cuidar de mim. — Ela finalmente disse a ele.

Ele parecia rígido como rocha. Mara esperou, com esperança. Talvez houvesse alguma coisa entre eles. Finalmente ele concordou.

—É errado manter alguém contra sua vontade. Você deve ser livre para viver sua própria vida, tomar suas próprias decisões.

Caramba, ele parecia tão indiferente como um livro da faculdade. Ela queria sacudi-lo, fazer os seus dentes chocalharem. Qualquer coisa para conseguir uma emoção dele.

—Sim, livre para viver minha vida. Ao contrário de você, que está escondido aqui como um urso hibernando. Eu não tenho medo de enfrentar a vida, Lucien. Não sou como você.

A luva de veludo estava fora, a primeiro bateu duro. Mas o seu sarcasmo não funcionou. As bordas tensas de seu perfil se mostraram.

—Se esse é o seu maior desejo, eu vou deixar você sair, depois que Jones for preso. Em breve, ele será preso pelas autoridades humanas. Uma denúncia anônima por um bom cidadão sobre um psicopata perseguindo estudantes universitárias.

—Você fez isso?

Ele encolheu os ombros.

—Por você, sim. Valeu à pena quebrar as regras de não interferência.

—Obrigada. — Ela sussurrou. —Isso significa muito para mim. Você se importa, não é, Lucien?

Emoção sombreou seus olhos. Em seguida, seu olhar fechou.

Ele estava se fechando de novo.

A vingança, de repente, tinha gosto de cinzas. Será que ter a cabeça do inimigo em uma bandeja encheria o seu coração? Faria com que ela se sentisse da forma como Lucien fazia, quando a pegava em seus braços e a fazia esquecer-se do mundo?

Mas ela nunca poderia ter seu coração. E se a vingança era a única coisa para encher o vazio, então dane-se! Ela estava segurando com ambas as mãos.

Mara inclinou a cabeça para esconder as lágrimas que nublavam seus olhos.

—Eu tenho trabalho. Eu vou estar no meu estúdio. Coma. Você deve reconstituir a sua força. — Lucien virou-se e caminhou para fora. A fragrância picante de sua colônia e seu cheiro masculino sussurrou passando por ela.

Ela mordiscou o delicioso frango e massas que havia preparado. Seus poderes estavam retornando, junto com a confusão sempre presente. Seu coração ansiava para ficar com Lucien.

Sua cabeça argumentou que nunca iria funcionar. Lucien não poderia amá-la.

Após terminar sua refeição, ela parou na porta aberta de seu estúdio. Lucien sentava-se diante de uma mesa de mogno maciço com vista para os prados cobertos de neve. Caneta na mão, ele assinava documentos. Suas costas estavam rígidas enquanto ela pairava na porta.

—Entre, Mara.

—Eu só queria dizer-lhe que eu vou fazer uma caminhada curta. Talvez parar nas acomodações de Petra e sair com ela. Literalmente, você sabe brincar de Batman.

Por favor, diga alguma coisa. Abra-se para mim e diga-me que você se importa. Ou apenas ria da minha piada idiota.

Mas ele só deu um aceno brusco e inclinou-se sobre os documentos novamente.

Profundamente magoada, ela começou a descer o corredor. A dor no peito a comprimia. Lucien só a via como uma missão. Como o bom soldado que era, lutando contra o mal para a Sociedade, tão indiferente como uma máquina com presas.

O frio cortante picou o seu rosto enquanto ela andava para fora. Vento agitava as lapelas de seu casaco, enquanto segurava-os em sua garganta. Frio, como Lucien. Não admira que ele vivesse aqui.

Mara andava da casa para a garagem quando o cheiro de fumaça ardeu as suas narinas. Então ela viu.

Seu pesadelo havia começado. Fumaça preta enrolava para cima, lambendo o ar, enquanto chamas alaranjadas dançavam pela janela da garagem.

Petra estava lá dentro.

Ela ia morrer.

O medo imobilizou-a. Lembrou-se das chamas quentes e laranja, lambendo no forno, tal como quando Jones arrastou-a para o fogo. O terror em forma de calor queimou sua pele, os gritos rasgando de sua garganta rouca e o conhecimento de ninguém ouvir e responder.

Ela não conseguia se mover. Não era possível se aproximar. Correr em um prédio em chamas era para os heróis e os bombeiros. Ela não. E então ela sentiu a pele crescer quente e a dor passar sobre o seu corpo.

Lucien materializou diante da janela da garagem.

—Petra! — Ele gritou. —Mara!

Então ele desapareceu. Mara piscou, arrasada. Ele pensou que ela estava lá dentro.

Passando para um dos lados da garagem, ela viu uma sombra negra pairar perto do prédio, uma lata balançando de suas mãos. As suspeitas cresceram afiada.

Jones. Ele a encontrou.

O calor lambeu seu corpo, as memórias lamberam sua alma. O medo fechou em seu estômago. Ele veio para matá-la e ao invés, machucou a pessoa errada.

A porta lateral se abriu. Lucien correu para fora, com Petra tossindo em seus braços fortes. Ele gentilmente colocou-a no chão e desapareceu novamente. Mara correu para Petra.

—Lucien está lá dentro... — O demônio arfou. —Procurando por você! — A ação gritou mais alto do que quaisquer declarações que ela poderia ter feito. A coragem de Lucien alimentou a sua força. Ela tentou tocar sua mente, gritando seu nome. Nada.

—Eu tenho que ir atrás dele. — Mara apertou suas mãos, convocando toda a sua coragem.

Abrindo a porta, ela correu para a garagem, gritando seu nome.

A única sala estava cheia de poleiros, bem como algo que parecia uma gaiola de pássaros. Na parede oposta, as chamas pegavam, inflamando a cama e estantes. Mara tossiu, descontroladamente tentando ver através da fumaça espessa. Ela gritou seu nome mais uma vez.

E, de repente, ele estava ao seu lado. Abraçando-a, segurando-a.

—Mara!— Disse ele, e tossiu. —Vamos dar o fora daqui.

Mas, quando eles se voltaram, o fogo tomou conta do portal. Através da janela, ela viu Dennis Jones rindo quando ele jogou alguma coisa no prédio.

O cheiro forte de gasolina procedia através da fumaça e chamas. Eles estavam ilhados.

Não há saída. Exceto para Lucien. Ele poderia desmaterializar e escapar. Mas ele não podia levá-la. Ele já disse a ela que não podia.

A dor espetou seu coração. Portanto, esta era a morte. Estava tranquila, mas triste, mais ainda porque o infeliz a tirou do homem que amava. A compreensão foi como uma faca perfurando o seu coração.

Eu te amo, Lucien. Eu sempre amarei. Desculpe-me eu não posso ficar...

—Vá. — Ela arfou. — Jones fez isso. Ele está lá fora. Você pode escapar. Por favor... salve-se. Faça-me um favor e chute o seu traseiro.

Talvez ela estivesse destinada a morrer em um incêndio depois de tudo. Lágrimas jorraram de seus olhos.

—Nunca sem você! —Ele disse ferozmente.

Lucien puxou-a para o chão, em seguida para seus braços protetores, como se para protegê-la das chamas. Blindando seu corpo com o dele. Mara enterrou a cabeça em seu peito largo.

—Estou muito assustada.

—Não pense sobre isso, querida. Abrace-me, apenas me abrace. Se eu estou destinado a morrer esta noite, então estarei condenado ao fogo do inferno. Eu prefiro queimar lá e abraçá-la uma última vez, do que passar a vida inteira sem você.

—Lucien, ele está ganhando. Jones sempre vence. Você disse que ele não pode ser tocado. Eu o odeio. Eu o odeio!

A negritude a consumia. Garras surgiram a partir de suas unhas. O demônio não havia sido absorvido por Lucien, afinal de contas. Remanescentes ainda permaneciam dentro dela.

Carinhosamente, ele segurou o rosto dela, forçando-a a encontrar o olhar dele.

—Deixe de lado o ódio, Mara. Deixe de lado os pensamentos de vingança. Concentre-se na luz branca. Deixe-a vencer as chamas.

Mara apertou os olhos e estendeu a mão para seu lado angelical. Mas, com a sua pele aquecida, ela descobriu que era impossível se concentrar.

—Eu não posso!

—Pense Mara. Quando você estava sendo arrastada para o forno, apavorada e vendo sua morte diante de você, o que trouxe a luz branca?

Pensamentos giravam em sua mente como um vórtice sinistro. Então, brilhando através da desolação e desespero veio um único pensamento puro.

—Minha mãe. Ela me amava tanto. Eu pensei nela. — Mara tossiu violentamente. —Mas ela está morta! Eu não consigo parar de pensar em Jones e o quanto eu o odeio! É a única coisa que me resta!

—Não, não é. Você tem a mim. Eu te amo.

Com olhos lacrimejantes, ela olhou para ele em choque.

Os dedos de Lucien acariciavam sua pele.

—Eu estava com muito medo de admitir, mesmo para mim. Eu não quero perde-la e agora, não há mais nada a perder. Olhe para mim, Mara. Concentre-se no meu amor por você. Olhe para mim, meu amor. Concentre-se em mim. Sinta a nossa conexão e o que nós compartilhamos.

Com seus olhos fechados e toda sua força, ela se concentrou e de repente a ligação de sangue que compartilhavam cresceu como uma corrente elétrica. Mara viu profundamente na alma de Lucien, não vendo a escuridão e o vazio anterior, mas uma paz reconfortante que agora ele saboreava. Tudo por causa dela.

—Se eu perdê-la, eu me perco. — Ele sussurrou. —Você é minha vida. Deixe a luz branca brilhar. Se entregue a ela.

Então, sua voz se aprofundou, tornou-se uma chicotada de comando.

—Viva Mara. Deixe ir e viva.

A luz branca zumbia e cantou dentro dela. Ela explodiu de seus dedos, irradiando de seu corpo. Tentáculos molharam o ar, então, com todo seu poder, ela arremessou-a em direção às chamas. Correu para o calor, resfriando o fogo, regando-o como uma chuva torrencial, criando um vórtice que aspirou para longe a fumaça e o calor mortal. A fumaça foi aspirada de seus pulmões e espiralada para dentro de Lucien, tirando à fumaça dele.

O vórtice girava mais rápido e mais rápido, inalando o fogo como uma boca faminta, e depois com um brilho de faíscas, ela tinha ido embora.

Brasas enegrecidas e cinzas queimadas do quarto. O rosto de Lucien estava coberto de fuligem, os olhos escuros estavam úmidos. Ele enquadrou o seu rosto carinhosamente com as mãos e pressionou um beijo suave nos lábios inchados.

O coração de Mara disparou.

—Petra! Ela está lá fora com Jones.

Eles correram para fora da garagem e para um impasse.

Em sua forma humana, Petra estava deitada no chão, os olhos arregalados de terror. Sobre ela, Jones pairava, segurando uma faca em sua garganta.

—Pare. Não chegue mais perto, ou eu vou cortar sua garganta.

Capítulo 12

Mara assistiu com horror como Jones pressionava a lâmina mais perto da garganta do demônio. Os olhos de Lucien ardiam com fúria.

—Ela vai morrer lenta e dolorosamente, a menos que você se prontifique a substituí-la. — A face de Jones tornou-se uma máscara feia. —Você é um prêmio muito maior, Mara.

O olhar frenético de Petra procurava o dela. Ela era apenas uma garota, que morreria se Mara não tomasse o lugar dela.

—Eu vou rasgá-lo em pedaços por isso. — Lucien estremeceu com raiva, mas não se mexeu. Um rosnado rompeu de sua garganta.

Jones era um lunático. Mara estendeu as mãos num gesto de paz.

—Eu não sou má. Por que você me caça e persegue? Eu nunca prejudiquei ninguém. Tudo que eu queria era uma vida normal. Ser uma estudante universitária comum, viver como qualquer outra pessoa. Por favor, deixe-a ir.

O vermelho impregnou o rosto de Jones.

—Você nunca poderia ser normal!

Atordoada, ela olhava fixamente como ele baixava a faca na garganta de Petra. Sua metade demônio notou. Atordoada, ela sentiu uma luz branca e uma escura se fundindo.

—Eu soube de você a partir dos registros da Sociedade. Eu guardei a pista. Todo o tempo que você permaneceu em isolamento, eu esperei. Observei. Eu sabia que assim que você tentasse entrar em sociedade, você colocaria em risco a população. Você é a semente do diabo.

Horrorizada, ela deixou cair suas mãos. Em sua busca por uma vida normal, ela havia condenado a si mesma. E este lunático sabia, esperou o momento em que ela surgiu.

—Se supõe que a Sociedade é para proteger os seres paranormais!

—Não estou associado com eles e minha missão é libertar a raça humana das pessoas como você. Você é uma anormal, concebida em um acasalamento pecaminoso. — Ele fez um gesto com a faca para Petra. —Como ela. Ela é um demônio! Petra foi parida de um vampiro e um pai demônio. Muito ruim.

—Não Jones. Você é o maligno. — A voz de Lucien era calma e controlada, era firme como uma rocha, enquanto ela balançava por dentro. Como ele poderia ficar tão calmo, ela se perguntava.

—Você diz isso só porque Petra é a sua sobrinha. — Jones disparou.

—Lucien? Petra é sua sobrinha? — Ela sussurrou.

Ele não respondeu, mas um músculo pulou em seu pescoço, traindo sua fúria.

Fazia sentido agora. A maneira como ele a protegia e a mimava. Temendo por Petra, quando ele não temia nada.

—Você não me disse. Por quê? Por que você não confiou em mim?

—Eu ia dizer-lhe, Mara. Dizer-lhe tudo. Eu confio em você. — Lucien apertou as suas mãos e ela viu o quanto elas tremiam. —Eu não confio na minha própria raiva por Jones.

Ele respirou fundo.

—Minha irmã se apaixonou por um diabinho, um cruzamento ilegal. Ela e meu cunhado morreram quando Petra era um bebê e me fez seu guardião. A Sociedade advertiu para as consequências terríveis, se Petra se comportasse mal. Uma noite, eu me esqueci de trancá-la em seu quarto enquanto eu estava com minha amante. Petra escapou e mordeu um vizinho e sua esposa, quase expondo nossa espécie para o mundo humano. A Sociedade colocou uma recompensa sobre sua cabeça. Ela tinha quatro anos. —Sua mandíbula era de pedra, seus olhos de gelo escuro. —Eles concordaram em suspendê-la, se eu me juntasse a sua força de soldados. Minha missão era matar uma Darklighter.

O coração de Mara martelou em seu peito.

—A Darklighter, a mulher que você me falou, a que lhe foi ordenado destruir.

A raiva brilhou em seus olhos.

—A mulher que o conselheiro da Sociedade ordenou destruir. Ele era Dennis Jones.

—Ele é humano!

—E um médium poderoso. Jones chamou a atenção da sociedade através de seu trabalho com vários departamentos de polícia. A Sociedade contratou-o para encontrar um lobisomem desonesto que fugiu de seus melhores rastreadores. Ele encontrou o malandro a tempo de salvar a vida de uma família. Eles decidiram contratá-lo permanentemente e selou os seus lábios contra contar a verdade sobre o nosso mundo. Em troca, eles lançaram um feitiço espelho para protegê-lo. Se alguém tentasse feri-lo, a dor voltava para ele em dobro. —Expressão de Lucien escureceu. —Mas ele tinha sua própria agenda e sua própria visão do que era mau. Ele detectou uma Darklighter e acusou-a de matar seres humanos. — Sua voz quebrou. —Cornélia. Minha amante.

Como peças de um mosaico, a imagem se formou. Bile subiu em sua garganta.

Jones se irritou.

—Ela merecia morrer. Eu sabia que ela estava mal, porque todos os Darklighters têm um demônio dentro deles. Eu pedi sua destruição. Ele se recusou, mesmo depois de ter evidências de que ela matou.

—Você a incriminou. — Disse Lucien firmemente. —A camisa ensanguentada em sua casa, os corpos... tudo a partir de um assassino humano em série. Não ela. Cornelia nunca fez mal a ninguém.

—Eu tive que forçar a mão. — Jones o olhou surpreso. —Você estava cego demais para ver o que eu fiz. Eu dei-lhe uma escolha. Mate Cornelia ou os caçadores rasgariam Petra em pedaços. Você fez a escolha certa, Lucien, como eu sabia que você faria.

A dor ondulava sobre Mara em ondas de angústia quente. A dor de Lucien. Ele havia matado sua amante, pensando que ela estava mal,

para salvar sua sobrinha. Não admira que ele se recusasse a abrir seu coração para Mara. Porque ele já tinha sido violado com essa escolha terrível que ele tinha sido forçado a fazer.

—Não foi até que o verdadeiro assassino confessou às autoridades, que eu percebi que tinha sido enganado. Eu bati muito em Jones. Eu devia ter quebrado o seu pescoço, mas não podia, sem me matar também. Eu não poderia deixar Petra sozinha e desprotegida.

—Eu não posso acreditar que você foi embora com isso! — Enfurecida, ela olhou para o psíquico.

—Tudo o que podia fazer era marcá-lo como um aviso para os outros. A marca era invisível para os seres humanos. Jones disfarçou para capturá-la, fingindo que era um ferimento na cabeça. — disse Lucien.

Mara sentiu a raiva frustrada de Lucien na sua ligação de sangue comum. Ele ansiava por despachar Jones, para o ser humano nunca mais ferir outra pessoa. No entanto, este Ancient poderoso não podia tocar no homem. Ela ficou maravilhada com o controle de Lucien. Durante anos, ele freou seu próprio temperamento e desejo de vingança. Agora ela entendia o que o vampiro queria dizer quando ele disse a ela para encontrar o equilíbrio. Porque ele tinha sido forçado a acabar com sua própria necessidade premente de justiça.

—Eu vou rasgar sua garganta! — Lucien rosnou.

—Não Lucien! — Mara gritou. —As regras. Você não pode matá-lo sem se matar.

—Fodam-se as regras! — Lucien andou para frente, com as presas descendo em um silvo virulento.

Agarrando seu braço, ela se pendurou, tentando puxá-lo de volta. Foi como tentar parar um raio de cair na terra.

—Tem que haver outra maneira, tem que haver.

E, em seguida, Lucien parou. Ele olhou para ela com um leve sorriso.

—Sim. Existe.

Lucien quis matar Dennis Jones por 48 longos anos. E a cada ano que passava, ele aprendeu a viver consigo mesmo, com a culpa por ter matado Cornelia, e na sequência de um conjunto de regras arcaicas, já não o segurando fácil.

Jones sorriu lentamente. Ele fez um gesto com a faca.

—Não é possível tocar em mim, vampiro. Eu conheço as regras. Eu ajudei a ditá-las.

Crueldade torceu o rosto do homem como ameixa. Jones gargalhou, enquanto a faca pairava perto de Petra. Lucien estudou seu inimigo com calmo desapego.

Estou proibido de feri-lo.

Mas eu não estou proibido de você se machucar...

Lucien sentiu o aumento dos poderes.

—Isto é por Cornelia. E por Petra e Mara. E por todos os inocentes que você queria ferir.

O psíquico empalideceu.

—Você não pode me machucar.

—Eu não vou machucar você.

Lucien enfurnou-se na mente do homem, puxando para fora todos os pensamentos doentios de Jones. Ele girou-os em um vórtice, envolvendo-os em uma casa de espelhos para que o homem não tivesse escolha, tinha que olhar profundamente dentro de si.

Jones gritou e deixou cair à faca. Ele se levantou, cambaleando para trás, segurando a cabeça como se fosse rachar.

—Faça-o parar! — Ele gemeu. —Faça-o parar! Eu não aguento, é horrível!

Desmaterializando para o lado de Petra, Lucien ergueu-a em seus braços. Petra apertou-lhe o pescoço, enterrando o rosto em seu ombro com soluços aterrorizados. Ela mudou de volta para um demônio, suas orelhas pontudas cedendo.

—Eu estava tão assustada! O fogo, e então quando você entrou atrás de Mara, e ela correu atrás para salvá-lo...

Lucien olhou para sua amante.

—Você tentou me salvar?

—Você foi tão forte, correndo para o fogo quando você sabia que o fogo poderia matá-lo. Eu tinha que fazer alguma coisa, e sua coragem me deu a força para fazê-lo. — Disse-lhe Mara.

Algo aliviou em seu peito.

—Obrigado. — Ele colocou Petra para baixo quando ela mudou para uma adolescente de novo. —Querida, eu quero que você vá para a casa, tome um banho e se acalme. A polícia estará aqui em breve e você está verde novamente. Eu não os quero pirando. Você vai ficar bem?

Fungando, ela balançou a cabeça. Então ela correu e abraçou uma Mara assustada, que a abraçou de volta.

—Você salvou Lucien e eu nunca vou esquecer isso. Obrigada, Mara. Qualquer coisa que eu tenho é seu. — Ela hesitou. —Bem, exceto talvez os Jimmy Choos vermelhos.

—Petra, eles são cinza, agora. — Lucien lembrou a ela. Na sua expressão cabisbaixa, ele acrescentou: - Mas, eu vou reconstruir e então vamos às compras e comprarei sapatos suficientes para encher um armário. Combinado?

—Combinado. — Petra sorriu.

Enquanto o demônio corria em direção a casa, Mara fez um gesto para Jones, que caiu no chão, contorcendo-se em aparente agonia.

—O que aconteceu?

Expressão de Lucien apertou.

—Eu toquei sua mente e refleti seus próprios pensamentos. Ele não pode mais esconder-se de si mesmo. Eu não destruí Jones. Ele está se autodestruindo e nunca mais fará mal a ninguém.

Pegando um telefone celular do bolso, discou 911 e relatou que um homem desequilibrado ateou fogo à sua garagem.

—O fogo está extinto, mas ele é muito louco e está tagarelando sobre vampiros, demônios e alienígenas. Por favor, depressa.

Quando ele se moveu para desligar o telefone, Mara levantou as sobrancelhas.

—Alienígenas?

—Pensei no lance como uma boa medida.

Ele acariciou seu rosto enegrecido, seu olhar era suave. Seu beijo era uma escova contra a sua boca, e então ele aprofundou, envolvendo os braços em torno dela como se temesse deixá-la ir.

Ela desejava que ele nunca a deixasse ir.

Amarrado a uma maca e sedado, Jones foi arrastado para uma ambulância. Eles estavam levando-o para a ala psiquiátrica de um hospital próximo. Quando forçado a confrontar o verdadeiro mal, a mente do homem havia se voltado contra ele.

Como Lucien previu o psíquico nunca mais faria mal a ninguém.

Eles se banharam e vestiram-se rapidamente. Agora Mara passeava no estúdio, enquanto Lucien colocava o diretor da Sociedade em viva-voz. Sentado à mesa de mogno entalhada, ele explicou o que havia acontecido com Jones. Suas feições esculpidas estavam apertadas quando ele olhou para ela.

—Eu conheço os termos da cessão e tenho demandas de minha autoria, Stamos. Eu não vou mais trabalhar para a Sociedade, a menos que vocês concedam à Petra e à Mara uma ordem de proteção permanente contra todas as ações futuras ou passadas.

—Não é possível fazer isso! — A voz zumbia no viva voz.

—Não é possível ou não vai?

—Petra e Mara já estão protegidas. Foi emitido no momento em que saí de sua casa, depois que você concordou em acasalar com Mara.

Chocada, ela virou e olhou para o telefone.

—Mas e os caçadores de recompensa?

—Eles foram para intimidá-la a se juntar com Lucien. Nada mais. Eles já foram recolhidos.

—Seu desgraçado, você mentiu para mim! — Lucien tinha a respiração entrecortada.

—Está na descrição do trabalho. — Admitiu o diretor. —O que mais você esperava? Você está livre de futuras missões, Lucien. Agora vá comemorar sua nova vida. Mas Mara, ah, se eu fosse você, eu pulava o vinho.

Um raio de energia branca bateu no telefone quando Lucien apertou a mão. Ele explodiu em uma chuva de plástico, fumaça subindo do instrumento em ruínas. Ele deu-lhe um olhar triste.

—Eu sempre preferi o meu Blackberry.

Capítulo 13

Depois de verificar se Petra dormia em um quarto de hóspedes, Lucien voltou para baixo. Na porta da sala, ele fez uma pausa para estudar Mara cochilando no sofá.

Mara era tudo que ele cobiçava. Força interior, ousada e disposta a aproveitar a vida com ambas às mãos. Seu coração não estava fechado e gelado, mas batia com um propósito retumbante. Ela viu Jones como uma ameaça e tentou eliminá-lo. Sua determinação sincera era forte como o constante movimento das ondas sobre a areia.

Ela era tudo para ele. Pensou em como quase a perdeu com o seu sangue frio. Ele não podia arriscar de novo. Vincular-se totalmente a ele em um acasalamento de sangue, lhe daria força para derrotar qualquer um.

Era a mais completa expressão de compromisso de um vampiro. O peito de Lucien apertou. Isso significava dar-se completamente, seu coração e sua alma.

Mara teria tanto poder sobre ele como ele teria sobre ela.

Bem, não tanto poder como ele tinha, pensou ele, sorrindo. Ele era um Ancient, afinal de contas.

Sentado ao lado dela, ele a observava dormir. Tão bonita, com sua pele fina e clara, a boca cheia agora entreaberta suavemente, longos e pálidos cílios enquadravam seus grandes olhos azuis. Seu corpo era alto e forte, e quando ela sorria, acendia um fogo dentro dele.

Seu coração batia completamente com vida. Durante anos, ele viveu como um fantasma, tão sem substancia como a névoa das colinas próximas. Era hora de parar de chorar e começar a viver.

Ele pegou a mão dela, tranquilizado pelas batidas firmes em seu pulso fino. Seus olhos se abriram e ela sorriu timidamente.

—Mara, eu preciso perguntar-lhe uma coisa importante.

Uma sombra surgiu em seus olhos azuis. Nunca se abriu totalmente para ninguém. Ele era um Ancient poderoso que não temia nada. Exceto perder essa mulher. Lucien sentiu-se em cima de um penhasco alto, pedras afiadas o esperavam abaixo quando ele se preparou para pular.

—Você vai se juntar a mim num acasalamento de sangue? Eu quero me comprometer com você em sangue, carne e espírito.

Seu coração bateu forte quanto o seu sorriso sonolento desbotava.

—O que é isso?

—É o pleno comprometimento para a minha espécie. Nós trocamos sangue e compartilhamos, um com o outro, memórias e poderes.

—Vou me transformar em um vampiro? — Ela franziu a testa um pouco. —Odiar alho?

—Não, mas você pode desenvolver uma erupção cutânea grave quando você andar durante o dia sem protetor solar. Quanto ao alho... — Ele encolheu os ombros. —Eu duvido. Eu sou, afinal, italiano.

Os lábios cheios se separaram quando ela riu. Era um som encantador para ele.

—Eu vou manter isso em mente. Mas, por que, Lucien?

—Eu te amo, Mara. Eu quero que estejamos juntos, para sempre. Aqui. — Ele apontou para a sala. — Ou de volta, na Flórida. Eu quero que você volte para a escola e realize os seus sonhos.

—E os seus sonhos, Lucien?

Ela o perturbou ao admitir a desoladora verdade.

—Eu não tinha nenhum, apenas assistir à Petra crescer segura, até que você apareceu.

Mara estudou suas mãos unidas.

—Você deve ter ficado destruído por matar Cornelia.

Inferno. Ele respirou fundo.

—A escuridão já a havia consumido, foi por isso que foi fácil para Jones me enganar, fazendo pensar-me que ela tinha matado. Cornelia

foi uma amante excitante, mas vazia por dentro, e ela me fez sentir vazio também.

—E eu? Como faço você se sentir?

Lucien levantou a mão esguia à boca e beijou os nós dos dedos.

—Amado.

Por favor, pensou ele. *Por favor, não me vire às costas.*

Quando ela olhou para cima, seu rosto estava radiante. Ela o beijou, sua boca era macia, cheia de promessas e confiança. Lucien maravilhou-se com a doçura de Mara, enquanto ela se movia contra ele. A alegria quebrou o gelo que encerrava o seu coração.

—Sim! — Ela respirou contra seus lábios. —Se isso significa que nós vamos passar a vida inteira juntos, então sim.

Ele não precisava de uma cama macia, luz de velas, ou romance, mas Mara merecia essas coisas. Quando ele finalmente tomou-a pela mão e levou-a para o seu quarto, ela deu um pequeno suspiro de prazer.

—É como a visão que compartilhamos. — disse ele.

Lençóis de cetim vermelho brilhavam sobre a sua cama. Dezenas de velas brancas brilhavam, fazendo a dança das sombras nas paredes. Duas taças de cristal estavam sobre uma pequena mesa. Bolhas flutuavam preguiçosamente para o topo do líquido cintilante. Lucien apertou um beijo profundo na palma da sua mão.

—Eu o criei para nós. Para você. Por que... — Ele lutou pelas palavras certas. Então ele disse num sussurro rouco. —... Por que eu esperava que você viesse entrar na minha vida. E seria exatamente como eu sonhei.

Ela cobriu seu rosto, seu toque era suave como veludo quente.

—Eu estou aqui e isso não é sonho. — Então a suspeita entrou em seu olhar. —Lucien, você plantou essa visão na minha cabeça?

Cintilando suas presas, ele lhe deu um sorriso perverso.

—Talvez. Ou não. O futuro está sempre mudando, e nunca se sabe aonde ele vai levar.

Mara pareceu considerar.

—Ok. Mas talvez você deva deixar de fora as velas. Tivemos fogo suficiente para esta noite.

Ele bateu palmas e as velas apagaram. Mara inclinou a cabeça.

—Você vai ter que me mostrar como você faz isso.

—Quando você quiser.

O luar brilhava através das janelas altas, reunindo-se no tapete oriental. Eles brindaram e beberam o champanhe. Então, ele lentamente a despiu, adorando seu corpo pálido e luminoso, com o seu olhar.

Se ele vivesse mais de sete mil anos, ele nunca se cansaria dessa mulher incrível. Ele sempre a desejaria em sua vida, na sua cama, em seu coração.

Lucien colocou as mãos na curva de seus ombros, desfrutando da sensação de sua pele quente. Ele acariciou para cima, saboreando sua suavidade os delicados ossos sob a carne macia e ela deu um suspiro ofegante. A aparência de fragilidade era enganadora, porque Mara tinha um espírito forte e uma determinação feroz para combinar com ela.

Tomando o seu tempo, ele a explorou com as mãos, enquanto ela suspirava ao seu toque. Ele agarrou seus seios, erguendo-os com as palmas das mãos. Lucien puxou os mamilos, apreciando seus pequenos gemidos de prazer, enquanto observava-os ficarem como pequenos cumes duros.

O cheiro almiscarado de sua excitação apertou suas bolas para o ponto de dor. Sua pele era suave e feminina sob a ponta dos dedos calejados. Seu pênis doía com o pensamento da seda molhada abraçando-o quando ele a levasse.

Ainda não.

Quando tirou seu cabelo loiro acinzentado do ombro, Mara estremeceu sob seu toque. Ela inclinou a cabeça para trás, a boca se abrindo em um suspiro, enquanto acariciava seu corpo, deslizando sobre a sua barriga lisa, até os cachos flexíveis em sua virilha. Ele envolveu seu sexo, provocando um pouco enquanto ele brincava com

seu clitóris e enfiava um dedo entre a sua fenda úmida. Molhada, mas não o suficiente.

Ele queria que ela estivesse muito úmida.

Então, ele segurou suas nádegas e apertou levemente. Lucien inclinou-a mais pela cintura, forçando-a para baixo, com as palmas das mãos espalmadas sobre o colchão. Sua carne exposta acenava para ele, rosa e úmida.

—Logo. — Ele acalmou.

Dobrando os joelhos, ele tomou o seu eixo na mão. Com uma palma escavou o seu quadril, guiou a cabeça do seu pênis para sua abertura suave. Empurrando muito suavemente, ele assistiu a cabeça do seu pênis mergulhar em sua vagina molhada. A visão erótica da sua união testava todo o controle dele. Ele queria empurrar duro, fodê-la no esquecimento feliz.

Respirando fundo, ele avançou em seu canal apertado. Mara agarrou os lençóis, choramingando em frustração aparente.

—Lucien, por favor, faça!

—Paciência, doçura. — Ele murmurou. —Eu não ensinei a você nada sobre autocontrole?

Lucien afundou ainda mais dentro dela. Sua palma deslizava sobre a lisura de suas costas, depois para baixo novamente sobre sua bunda em forma de coração. Ele deu-lhe um beijo leve e ela gritou.

Então ele empurrou duro, empurrando dentro de sua carne que resistia, até que foram selados no quadril. Mara apertou, a sensação molhada em torno dele acariciando-o. Um gemido saiu de sua boca. Deslizando para dentro e para fora, ele brincou e acariciou, construindo a tensão dentro dela até que ele pode senti-la tremendo sob suas mãos. E então, com seus poderes, ele afundou em seus pensamentos e começou a sua sedução.

Dezenas de mãos invisíveis deslizando sobre sua pele. Dedos puxando seus mamilos, aprimorando-os em cristas tensas. A boca selada sobre seu clitóris, uma língua áspera, mais e mais rápida.

Transpiração frisava a sua pele, a umidade brilhando em sua pele, como pequenos diamantes piscando a luz da lua.

Lucien fechou os olhos, continuando a deslizar para dentro e fora de Mara em movimentos leves e provocantes. Fundo e lento. Aproveitando a sensação dela, desfrutando de seus pequenos gritos excitados de prazer.

Ele queria tornar bom para ela. Fazer durar.

Mara gritou e apertou seu eixo como uma luva apertada quando ela chegou ao clímax. E então ela gozou novamente, seu corpo tremendo, pulmões com falta de ar.

Lucien puxou para fora. Ele ainda estava duro, o seu pênis brilhante com a sua umidade. Ele virou-se em torno de Mara e ela caiu para trás com um "umph" de surpresa, ainda tremendo com pequenos tremores. Seus olhos se arregalaram.

—Lucien, você não...

—Eu não estou pronto. — Ele murmurou com suas presas descendo, enquanto ele antecipava tomar seu sangue. —Ainda não.

Ele queria deitá-la, sentir sua pele brilhante e lambê-la da cabeça aos pés. Levá-la de novo e ver a dança de alegria em seus olhos azuis, observar apertar seu rosto, sua boca, quando ela chegasse ao clímax em seus braços. Sabendo que só ele poderia entregar esse prazer incrível.

Sabendo que ela era dele.

Com os olhos escuros como a noite, Lucien olhava com intensidade inabalável.

Apoiando os braços de cada lado dela, ele segurou as coxas em suas palmas. Então ele levantou uma das pernas, sua língua arrastando sobre o interior da sua panturrilha.

Passar a vida dela com esse homem, esse vampiro, prometia alegrias implacáveis e prazeres inenarráveis. Mara estremeceu quando ela pensou em seu futuro.

Lucien parou, vendo a sua expressão.

—O que há de errado, querida?

—Eu estava pensando, que não me importo se eu nunca andar sob o sol novamente. Porque enquanto eu tiver você, sempre haverá luz em minha vida. — Mara mordeu os lábios para impedir o seu trêmulo balançar. A alegria queimava no seu rosto.

Ele se inclinou e apertou um beijo suave na sua boca.

—Você é o meu raio de sol.

Fechando os olhos, ele pressionou o seu eixo na sua suavidade. Lucien empurrou dentro dela, sua expressão de prazer requintado como se ele saboreasse cada sensação única. Seu peito raspava sobre os seus mamilos ultrassensíveis enquanto ele balançava para frente e para trás. Mara colocou seus pés em torno de seus quadris, os braços em volta do pescoço, quando os seus golpes se intensificaram. Ele gemeu, empurrando mais e mais rápido, enquanto ela se levantava para recebê-lo. A cabeceira bateu contra a parede, o som ecoando e se misturando com seus gemidos. O clímax brilhou sobre ela. Ela cravou os calcanhares no colchão, arqueando-se, soluçando quando o prazer levou mais e mais.

—Sim, doçura, venha para mim! — Ele exigiu.

Os espasmos doces explodiram dentro dela quando ele enrijeceu e gritou, seu enorme corpo tremendo com o prazer. Seu coração ainda batia forte quando ela viu Lucien olhando-a, feroz, com os olhos estreitados e atentos.

—Agora! — Ele disse com voz rouca.

Sua boca acariciou sua garganta, seu hálito quente roçava sobre ela. Um lento golpe de sua língua como se a preparasse. Então, com um grunhido selvagem, ele mostrou suas presas. Houve uma picada forte de dor, e, em seguida, sensações eróticas que derramavam através dela. Mara gritou, segurando-se a ele. Cada puxão de sua boca era uma lambida entre as suas pernas, construindo mais e mais até que ela gozou novamente.

Ele parou de beber, dando às feridas uma longa lambida com a sua língua quente. Lucien ergueu a cabeça, os olhos brilhando. Ela podia ouvir seu coração batendo duro, ou era o dela?

Com as presas brilhando, ele rasgou seu pulso, segurando-o à sua boca. O gosto dele era um néctar picante, quente e viciante, deslizando abaixo em sua garganta. Mara gemia, quando o seu poder a encheu, suas memórias e alma. Então ele se afastou, selando a laceração com um golpe rápido de sua língua.

Um vínculo forjado, uma ligação mais intensa entre eles.

Paixão queimou no seu rosto, transformou suas feições angulosas. Eles estavam ambos, alterados. Não eram mais os mesmos. Eles estavam unidos agora, de corpo e alma.

Mara aproximou-se, tocou o rosto dele com admiração. Ela sentiu o sangue subir pelas veias, bombear em seu coração.

Ele se moveu dentro dela novamente. Chocada, ela percebeu que ele estava duro novamente. Lucien deu um sorriso travesso.

—Um benefício de ser um Ancient. Eu tenho um monte de resistência. Eu prometo a você uma longa noite, muito agradável.

Eles se juntaram no quadril, tão perto, que Mara não poderia dizer onde ela terminava e ele começava.

Lucien moveu-se dentro dela novamente, lento, e depois mais rápido, com estocadas longas e profundas, que a fizeram agarrá-lo e gritar. Era cru e selvagem, uma tempestade que mal podia suportar. Lucien abraçou-a, capturando-a em seus braços fortes, fazendo-a suportar o prazer erótico. Ele sussurrou palavras de paixão, seduziu-a com sentimentos. Lágrimas escorriam pelo seu rosto, enquanto ela se agarrava a ele, colocando os pés em torno de seus quadris, bombeando para atraí-lo mais perto. Seus pensamentos entrelaçados na mente um do outro, como fios entrelaçados.

Quando você está dentro de mim assim, eu sinto como se estivesse dançando no ar.

Abra seus olhos, Mara.

Ela abriu. Mara estava ofegante e cavando as unhas em seus ombros musculosos. A cama estava muito abaixo deles. Eles estavam flutuando no ar.

—Lucien, coloque-nos abaixo!

Ele deu uma risada feliz.

—Não é obra minha doçura. É você.

—Oh!

Eles começaram a cair rápidos e, de repente, desaceleraram, quando Lucien tomou o controle e gentilmente colocou-a no colchão mais uma vez. Ele lhe deu um sorriso terno, alisando para trás seu cabelo umedecido.

—Eu vejo que vou ter que ensinar a você mais lições, desta vez, sobre o controle de seus novos poderes.

—Talvez estes não fossem seus poderes vampiros. Talvez fossem minhas asas de anjo.

—Ou o seu outro lado. Você traz para fora o demônio em mim. — Ele brincou.

Mara sorriu, tocando seu rosto.

—É engraçado. Tudo que eu queria há muito tempo era ser normal. E agora eu sou tudo menos isso.

Lucien apertou um beijo no canto da boca.

—Você nunca foi normal para mim.

Mara tocou-o, desfrutando da sensação de sua pele, úmida e suave, os músculos poderosos e trabalhados. Maravilhava-se com tudo sobre ele, mas acima de tudo, como ele a fazia se sentir tão estimada, tão querida, tão...

Especial.

Fizeram amor durante toda a noite, tocaram e provaram um ao outro até que caíram sobre o colchão. Ela se aconchegou em seus braços, sua perna enredada com Lucien, e olhou para a luz da lua minguante.

Lucien a havia libertado do demônio em sua alma e enlaçava-a em uma paixão ardente. O tormento de seu passado foi soprado para longe, como uma tempestade de vento. Só o futuro brilhava à frente para os dois, garantindo suas promessas de amor compartilhado. Mara percebeu que ela estaria, finalmente, segura em seus braços.

E lá ela permaneceria.

FIM